

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dissertação de Mestrado

LIMA BARRETO E AS DESIGUALDADES SOCIAIS
COMO MATÉRIA DE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Angelita Vanessa Scottá



ANGELITA VANESSA SCOTTÁ

LIMA BARRETO E AS DESIGUALDADES SOCIAIS
COMO MATÉRIA DE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo
2024

CIP – Catalogação na Publicação

S4251 Scottá, Angelita Vanessa

Lima Barreto e as desigualdades sociais como matéria de sua produção literária [recurso eletrônico] / Angelita Vanessa Scottá. – 2024.

659 kB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2024.

1. Lima Barreto, 1881-1922 - Análise do Discurso.
2. Literatura e sociedade. 3. Sociologia educacional. I. Aquino, Ivânia Campigotto, orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**“Lima Barreto e as Desigualdades Sociais como Matéria de sua Produção
Literária”** Elaborada por

Angelita Vanessa Scottá.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”.

Aprovada em: 12 de setembro de 2024.

Pela Comissão Examinadora



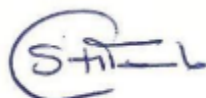
Campigotto Aquino
Presidente da Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Michéle Muliterno de Melo
Secretaria Municipal de Educação - PF



Prof.^a Dr.^a Gisele Benck de Moraes
Universidade de Passo Fundo



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

À minha família, que sempre me apoia na realização dos meus estudos e que compreende as vezes em que preciso me ausentar, quero dedicar um agradecimento especial ao meu esposo, Janquel, e ao meu filho, João Antônio. Também gostaria de lembrar do meu pai, Antônio Scottá Filho, que nos deixou antes que eu pudesse conquistar este objetivo. Tenho a certeza de que ele sempre se orgulhou da pessoa que sou, guiada pelos seus ensinamentos.

Agradecimentos

Chegar ao final deste mestrado é uma conquista que não seria possível sem a colaboração e o apoio de pessoas essenciais na minha vida. Desde muito cedo, a educação tem sido uma paixão que me move e me motiva a buscar sempre meu aprimoramento profissional. Não me vejo fazendo outra coisa; trabalhar com a educação e observar o desenvolvimento das pessoas é uma das maiores realizações que eu poderia desejar.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Dra. Ivânia Campigotto Aquino. A sua atenção, cuidado e insistência para que eu seguisse em frente foram fundamentais para a minha jornada. Sua motivação e crença em meu potencial foram pilares que me sustentaram nos momentos mais desafiadores. O seu profissionalismo e respeito no trato diário foram inspirações que me guiavam, e, com certeza, sua entrega e dedicação são uma das grandes razões pelas quais consegui concluir essa etapa.

Agradeço também aos meus colegas de trabalho, que sempre demonstraram paciência e compreensão durante todo o processo. O apoio de vocês foi essencial para que eu conseguisse conciliar a rotina agitada e encontrar tempo para finalizar essa dissertação.

Meus gestores da Escola Notre Dame Menino Jesus e da Prefeitura também merecem um agradecimento especial. O suporte que recebi, especialmente ao mudar meu horário de trabalho para dedicar-me aos estudos, fez toda a diferença e é um reflexo do comprometimento com a educação e o desenvolvimento profissional dos colaboradores.

Um agradecimento especial ao meu companheiro de vida, Janquel. Sua parceria é inestimável e sua disposição em assumir as responsabilidades do lar para que eu pudesse me concentrar nos estudos é algo pelo qual serei eternamente grata. Sem seu apoio, teria sido impossível alcançar este objetivo.

Por fim, quero dedicar um agradecimento especial ao meu filho, João Antônio. Você é a minha maior motivação e a razão pela qual busco estar sempre evoluindo. Obrigada por compreender os momentos em que precisei conciliar a pesquisa com nosso tempo juntos. Tudo que faço é por você, e é meu desejo que você sempre saiba da importância da educação e do esforço para alcançar os sonhos.

A todos vocês, meu sincero agradecimento. Esta conquista é tão de vocês quanto é minha.

“Ah! Doutor! Doutor!... era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos...”
(*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 2013, p. 09)

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre o romance brasileiro e os processos sociais, com foco na representação do real na obra *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto (1881-1922), publicada em 1909. objetivo geral da pesquisa é analisar a representação do real no romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881-1922), enfatizando as ocorrências da narrativa em que há ações de desigualdades sociais e de educação. O estudo se fundamenta, principalmente, em contribuições teóricas de Antonio Candido (1980), que aborda a intersecção entre literatura e sociedade; Stuart Hall (2016), Serge Moscovici (1978), e Erich Auerbach (2013), que desenvolvem teorizações sobre representação literária; Darcy Ribeiro (1995), que reflete sobre a formação do Brasil e suas desigualdades; Lilia Moritz Schwarcz (2017), que discute raça e classe; Francisco de Assis Barbosa (1952), que aborda a política na literatura. A pesquisa adota uma abordagem histórica e aplicada. O *corpus* da investigação é constituído pelo romance *Recordações do escrivo Isaiás caminha* (2013), de Lima Barreto, que se insere no cenário da Primeira República brasileira. Os resultados evidenciam que a literatura possui uma função social, realizando a crítica das problemáticas da nação ao questionar as desigualdades sociais, políticas e econômicas no Brasil. A análise da obra literária ressalta a importância da educação na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, destacando a relevância da literatura para a reflexão sobre os processos sociais.

Palavras-chave: Lima Barreto. Realidades sociais. Desigualdade social. Educação e inclusão social. Representação.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between Brazilian literature and social processes, focusing on the representation of reality in the work "Recordações do escrívão Isaías Caminha," by Lima Barreto (1881-1922), published in 1909. The main objective of the research is to analyze the representation of reality in the novel "Recordações do escrívão Isaías Caminha" (2013) by Lima Barreto, emphasizing the occurrences in the narrative that depict actions related to social inequalities and education. The study is primarily grounded in theoretical contributions from Antonio Candido (1980), who addresses the intersection between literature and society; Stuart Hall (2016), Serge Moscovici (1978), and Erich Auerbach (2013), who develop theories on literary representation; Darcy Ribeiro (1995), who reflects on the formation of Brazil and its inequalities; Lilia Moritz Schwarcz (2017), who discusses race and class; and Francisco de Assis Barbosa (1952), who examines politics in literature. The research adopts a historical and applied approach. The corpus of the investigation consists of the novel "Recordações do escrívão Isaías Caminha" (2013) by Lima Barreto, which is set in the context of the First Brazilian Republic. The results highlight that literature has a social function, critiquing the issues faced by the nation by questioning social, political, and economic inequalities in Brazil. The analysis of the literary work underscores the importance of education in building a more just and inclusive society, emphasizing the relevance of literature for reflecting on social processes.

Keywords: Lima Barreto. Social realities. Social inequality. Education and social inclusion. Representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA INTERFACE ENTRE LITERATURA, CONTEXTO SOCIAL E REPRESENTAÇÃO	17
2.1. A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA REPRESENTAÇÃO DO REAL	17
2.2. A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE	29
2.3. A QUESTÃO DA MÍMESIS	40
3. PERCURSO METODOLÓGICO	44
4. CONTRIBUIÇÕES À BIOGRAFIA TEÓRICO-CRÍTICA DE LIMA BARRETO	49
4.1. ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS DE LIMA BARRETO	49
4.2. VIDA PESSOAL E TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE LIMA BARRETO	51
5. A REPRESENTAÇÃO DO REAL EM <i>RECORDAÇÕES DE ISAIAS CAMINHA</i>: DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO	65
5.1. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE	65
5.2. DESIGUALDADE SOCIAL: A LUTA PELA CIDADANIA	66
5.3. EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL SOB UM OLHAR DE “IMPLICÂNCIA”	73
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
7. REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a representação literária do real na obra de Lima Barreto (1881-1922), com foco no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, com o qual estreou na literatura em 1909. Para abordá-lo, construíram-se as categorias 1) desigualdades sociais e 2) educação, elaborando-se, a partir delas e com base nas teorias, a análise da narrativa que contempla os processos sociais do início do século XX e relaciona elementos textuais com a sociedade contemporânea do Brasil. Resultará, das reflexões, a compreensão das interfaces entre texto e contexto.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a representação do real no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881-1922), enfatizando as ocorrências da narrativa em que há ações de desigualdades sociais e de educação. Os objetivos específicos incluem: a) verificar a perspectiva de abordagem das desigualdades sociais denunciadas pelo autor; b) compreender as situações atuais de exclusão dos sujeitos sociais presentes no romance; e c) interpretar a visão de Lima Barreto (1881-1922) sobre a educação como mecanismo de autonomia para os sujeitos das classes menos favorecidas.

A partir dos objetivos, o estudo se estrutura com teoria sobre a representação literária e sobre sociedade, com informações sobre a vida e a obra do autor, considerando sua inserção e influência na sociedade e na cultura brasileiras do início do século XX, e com o cotejo e análise da narrativa.

Consideramos que as desigualdades sociais do contexto dos primeiros anos da República foram tomadas pelo escritor como temática central de suas obras. Nesse sentido, a exclusão social a que os personagens estão submetidos permite uma reflexão crítica sobre a marginalização na história do Brasil, sendo um problema estrutural que persiste até hoje. Sob esses aspectos, observamos que a obra analisada vai além de simplesmente retratar um conjunto de desigualdades, pois, ao realizar a representação do real, denuncia questões como racismo, diferenças de classe e limites da República em sua fase inicial. Dessa forma, a literatura de Lima Barreto não só impactou a sociedade de sua época, mas também continua a refletir a realidade contemporânea, considerando a permanência de diversos problemas sociais. A análise da obra, portanto, revela não apenas um retrato histórico, mas também um chamado à reflexão sobre as injustiças que ainda perduram na sociedade brasileira.

A justificativa deste estudo encontra-se na dimensão do social, através da leitura das desigualdades que estão presentes como elementos textuais do romance. A literatura, assim, é um meio que permite compreender em que medida as problemáticas sociais foram abordadas no início do século XX e como ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea.

A obra de Lima Barreto (1881 - 1922), nesse contexto, representa a realidade brasileira de forma crítica e instiga à reflexão sobre os processos sociais e possíveis transformações do real. A educação, certamente, desempenha um papel fundamental na promoção dessa transformação. É por meio dela que podemos ampliar nossa compreensão sobre o mundo, questionar valores e preconceitos enraizados e incentivar uma maior consciência social. A literatura, como forma de expressão artística, possui o poder de sensibilizar e mobilizar as pessoas para a reflexão e ação, incentivando a busca por um mundo mais justo e igualitário. Sob esse entendimento, a leitura e análise dos textos de Barreto se torna não apenas um exame literário, mas uma oportunidade de fomentar a discussão sobre temas sociais que ainda reverberam na atualidade. Com suas obras, é possível realizar a educação literária, a qual é um instrumento de conscientização e transformação, com vistas à construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

Ao abordar temas sociais, o escritor nos convida a refletir sobre as contradições e injustiças presentes na formação da sociedade brasileira, incentivando as mudanças de atitudes e comportamentos. O interesse por este estudo surgiu a partir das minhas experiências como professora em escolas de redes pública e privada, onde pude vivenciar realidades sociais distintas. A observação das condições precárias de vida dos alunos de uma escola municipal me motivou a refletir sobre a importância da educação como ferramenta de transformação social.

Desde a minha infância, sempre sonhei em ser professora, inspirada pela carreira da minha avó e da minha mãe na área da educação. Minha avó atuou como professora municipal e diretora na rede estadual, enquanto minha mãe trabalhou por muitos anos nessa mesma rede. Em minhas brincadeiras de infância, eu adorava assumir o papel de professora, influenciada por essas figuras importantes na minha vida. Quando era criança, participava ativamente da construção de uma escola imaginária com meus amigos da vizinhança, na qual sempre era a professora.

Minha paixão pela educação me levou a ajudar na escola próxima à minha casa, mesmo antes de ingressar formalmente na escola. Ao chegar à adolescência, pude ajudar a professora da primeira série em uma escola onde minha avó era diretora, o que solidificou meu desejo de seguir a carreira docente.

Após concluir o curso de Magistério, iniciei meus estudos em Letras, buscando ampliar meus horizontes profissionais e pessoais. Trabalhei em escolas privadas e públicas, lidando com realidades bem distintas de alunos e famílias. Fui também coordenadora pedagógica na EMEF Coronel Sebastião Rocha, sempre buscando promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Atualmente, trabalho como professora de Língua Portuguesa em uma escola particular e como coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino de Passo Fundo. Além disso, assumi o cargo de Secretária Municipal Adjunta de Educação, ampliando minha atuação na área educacional.

Após anos de experiência na educação, sinto-me motivada a buscar novos desafios, como realizar um Mestrado em Letras, área que sempre me atraiu. A literatura sempre foi uma paixão na minha vida, e busco trazer essa paixão para minhas aulas, independentemente da turma ou modalidade em que esteja atuando. Enquanto continuo minha jornada na educação, busco sempre aprimorar meus conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes e da comunidade escolar.

No âmbito de pós-graduação, este estudo está inserido na linha de pesquisa intitulada *Produção e recepção do texto literário*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF).

Sob essas motivações pessoais, a pesquisa inclui a compreensão das diversas realidades pedagógicas e a forma como a desigualdade social é retratada na obra em estudo, uma vez que a narrativa se vincula ao social. Também, o entendimento da relevância dos dilemas apresentados por Lima Barreto (1881-1922) na contemporaneidade. A análise, portanto, requer a observação dos elementos constitutivos da narrativa, com especial atenção para a representação do real e a interconexão entre o texto e seu contexto.

Com base nas teorias de Antonio Candido (1980), Stuart Hall (2016), Erich Auerbach (2013), Serge Moscovici (1978), Darcy Ribeiro (1995), Lilia Moritz Schwarcz (2017) e Francisco de Assis Barbosa (1952), discutimos os aspectos sociais representados em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (2013), enfocando a relevância da obra para a interpretação da sociedade brasileira em diferentes tempos históricos. A partir da análise do conjunto de dados, coletado durante a pesquisa, esperamos oferecer insights que promovam uma reflexão mais profunda sobre as desigualdades sociais existentes. Além disso, buscamos destacar o papel fundamental da educação na promoção de um futuro mais justo e igualitário para todos. Essa compreensão ajudará a identificar caminhos e estratégias que podem ser adotados para mitigar essas desigualdades e promover uma sociedade mais inclusiva.

A pesquisa caracteriza-se quanto à tipologia por ser Exploratória em seu Objetivo, pois, “visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127); Bibliográfica e Documental quanto a seus Procedimentos técnicos, uma vez que, de acordo com Gil (2008), utiliza tanto materiais já publicados, quanto materiais que ainda não receberam tratamento analítico; e, Qualitativa quanto a sua Abordagem, tendo em vista que, “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 128).

No processo metodológico, primeiramente, será realizada uma revisão bibliográfica com obras teóricas que fundamentam o estudo. Em seguida, serão coletadas informações sobre a vida e a produção literária de Lima Barreto (1881-1922) e, posteriormente, será desenvolvida a análise de seu romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2013). A identificação dos aspectos sociais presentes na obra e sua relação com a sociedade será feita por meio de categorias pré-estabelecidas, que serão transcritas e avaliadas. Os resultados obtidos serão comparados com os conceitos apresentados no referencial teórico, buscando compreender de que forma a literatura representa e influencia a sociedade.

Dessa forma, a análise dos dados segue uma abordagem de representação, levando em consideração tanto os aspectos literários do romance quanto os aspectos sociais e históricos presentes em seu contexto de produção. O corpus de pesquisa é a obra *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909), de Lima Barreto (1881-1922), edição publicada em 2013. A análise dos dados segue a metodologia proposta por Bardin (1977), que envolve a categorização e interpretação dos dados textuais, visando identificar temas e significados presentes no romance. Através dessa fundamentação, é possível compreender mais profundamente as reflexões e críticas sociais na narrativa, bem como analisar as representações que constituem o tema de pesquisa.

A dissertação será estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresentará a fundamentação teórica, contemplando, principalmente, as contribuições de Antonio Candido (1980), Erich Auerbach (2013), Stuart Hall (2016) e Serge Moscovici (1978). Terá o capítulo que abordará a biografia comentada de Lima Barreto (1881-1922), incluindo sua vida pessoal e trajetória literária, bem como seu legado e influência na literatura brasileira, baseando-se nos estudos de Schwarcz (2017) e Barbosa (1952). Por fim, realiza-se a análise do romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2013), no último capítulo, sob a noção de pesquisa de Bardin (1977). Serão explorados aspectos como a abordagem narrativa e temática

presentes na obra, assim como as personagens e suas representações. Para tanto, foram criadas duas categorias de análise: desigualdade social e educação.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA INTERFACE ENTRE LITERATURA, CONTEXTO SOCIAL E REPRESENTAÇÃO

Neste capítulo, discutiremos os fundamentos teóricos que permeiam a relação entre literatura, contexto social e representação. A literatura como arte que reflete a sociedade em que está inserida desempenha um papel fundamental na representação da realidade. A partir dos estudos dos autores Antonio Candido, Stuart Hall, Serge Moscovici e Erich Auerbach, exploraremos como a cultura e a representação do real se entrelaçam na construção de narrativas que refletem e questionam as dinâmicas sociais em que estão inseridas.

2.1. A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA REPRESENTAÇÃO DO REAL

A representação de algo para alguém envolve um acordo, um código, uma convenção para apresentar uma nova forma por meio da imitação e da semelhança à realidade concreta. Nesse sentido, ao estudar a representação e identidade, buscamos as contribuições de Stuart Hall (2016). Segundo esse teórico, é por meio da utilização das coisas, do que é dito, pensado e sentido que se atribui significado e se realiza a representação. Parte do significado atribuído aos objetos, indivíduos e eventos está ligado à interpretação mental de cada indivíduo e à forma como são utilizados ou integrados nas práticas do dia a dia.

Hall (2016) enfatiza a importância de compreender como o significado é construído. Para o autor, os significados culturais têm impactos reais e influenciam as práticas sociais, contribuindo para a formação da identidade e do sentimento de pertencimento. Os sinais têm um significado compartilhado que constitui conceitos, ideias e sentimentos de forma que outros possam decodificar ou interpretar de maneira semelhante. Assim, as linguagens operam por meio da representação, formando sistemas de representação. Esta visão se encaixa na abordagem socioconstrucionista da "virada cultural" nas ciências sociais e humanas, em que a representação é fundamental para a constituição das coisas.

Hall (2016) discute a relação entre representação, linguagem e produção de sentido, enfatizando a importância da representação para expressar significados dentro de uma cultura. A linguagem desempenha um papel importante nesse processo, fazendo uso de signos e imagens para representar objetos, pessoas e eventos. No entanto, Hall (2016) questiona se a

linguagem meramente reflete significados preexistentes ou se ela os constrói e molda. Ele argumenta que a representação envolve tanto a intenção do emissor quanto a construção de significados na linguagem, conectando conceitos mentais ao mundo real ou imaginário. Em resumo, a representação é o meio pelo qual os conceitos mentais são convertidos em linguagem, permitindo-nos referir e compreender o mundo ao nosso redor.

Para Hall (2016), representação é o ato de utilizar a linguagem para expressar de forma compreensível algo sobre o mundo ou representá-lo a outros indivíduos. Dessa forma, podemos definir representação como parte do processo de produção e compartilhamento de significados, que requer a utilização de linguagem, signos e imagens entre membros de uma cultura. Em outras palavras, a representação envolve a composição representacional de algo, que significa ou representa um objeto e captura o imaginário de um grupo social. (p. 31)

No processo de significação na cultura, Stuart Hall (2016) destaca a existência de dois "sistemas de representação". O primeiro está relacionado à construção de mapas conceituais, ou seja, sistemas de conceitos que estabelecem os sentidos por meio da correspondência entre elementos como objetos, pessoas, ideias abstratas, entre outros. Já o segundo sistema aborda a correspondência entre os mapas conceituais individuais e um conjunto de signos, como palavras, sons e imagens, que carregam significados por meio de um processo arbitrário e convencional, baseado em uma linguagem compartilhada.

Conforme Hall (2016), a análise de signos visuais e linguísticos apresenta sua complexidade, uma vez que a relação entre o signo, o conceito e o objeto é arbitrária em ambos os sistemas de representação. Mesmo que os signos visuais possam se assemelhar aos objetos representados, eles ainda necessitam de interpretação. O autor classifica os signos em duas categorias principais: icônicos e indexicais.

Os signos icônicos são aqueles que se parecem fisicamente com o objeto que representam, como uma foto de uma árvore ou uma imagem de um gato. Já os signos indexicais estabelecem uma relação de causa ou associação, mesmo sem ter semelhança. Um exemplo é a fumaça, que indica que há fogo, mesmo não se parecendo com ele. Da mesma forma, a palavra "cachorro" não tem uma aparência que remeta ao animal, mas transmite a ideia dele por meio de uma convenção linguística. Entender essas diferenças é importante para saber como os sinais são interpretados na comunicação, e como seu significado pode mudar dependendo do contexto e da forma como são apresentados.

Hall (2016) argumenta que a cultura e a identidade são construídas e fixadas pelo sistema de representação, gerando significados que são internalizados e parecem naturais aos membros de uma sociedade. A relação entre sistema conceitual e linguagem é mediada por

códigos que determinam as palavras e conceitos utilizados para expressar ideias específicas. Esses códigos arbitram a comunicação inteligível e possibilitam a tradutibilidade entre conceitos e línguas, sendo construídos socialmente e baseados em convenções culturais compartilhadas.

Dessa forma, a análise de Hall (2016) ressalta a influência dos sistemas de representação na formação da cultura e na construção da identidade individual e coletiva, revelando a complexidade e a construção social dos significados e representações presentes em nossa sociedade.

Hall (2016, p.25) destaca que "a cultura é uma ferramenta para apreender a realidade, é uma rede de significados que dá sentido ao mundo". Nesse sentido, é possível entender que a cultura não é algo estático, mas sim dinâmico e em constante transformação, refletindo os valores, crenças e representações de um grupo social em um determinado momento. Logo, a representação é fundamental para a construção da identidade e da subjetividade, pois é por meio dela que os indivíduos se relacionam com o mundo ao seu redor.

O autor destaca que fazer parte de uma cultura vai além de apenas compartilhar comportamentos e tradições comuns. Ele argumenta que isso está intrinsecamente ligado à compreensão de como diferentes idiomas expressam conceitos e ideias, além de como a linguagem pode moldar nossa visão de mundo. Segundo o autor, a troca de aspectos culturais envolve a capacidade de ver o mundo através de um conjunto de valores e significados que são compartilhados, os quais são atribuídos por meio de sistemas linguísticos que estão em constante transformação.

O sentido e o significado, na visão do autor, não são fixos, mas sim construídos e interpretados através de práticas culturais específicas. A identidade cultural e sua ligação com o sentido são dinâmicas e estão em constante evolução, influenciadas por convenções sociais, culturais e linguísticas em permanente transformação. A compreensão e a interpretação do mundo são moldadas pela nossa bagagem cultural e pela forma como nos expressamos dentro de nossa sociedade.

Assim, Hall (2016, p. 43) define que

pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem.

A teoria da representação de Hall (2016) possui três abordagens distintas: reflexiva, intencional e construtiva. Na abordagem reflexiva, o sentido é concebido como algo que repousa no objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real, com a linguagem atuando como um espelho para refletir o verdadeiro significado conforme existe na realidade. Essa abordagem se baseia na ideia de que todos os símbolos, sinais e representações possuem significado ao substituir ou imitar algo ou um objeto na realidade. Portanto, a abordagem reflexiva pressupõe uma realidade representada por meio de imitação e reflexo.

A segunda abordagem contrasta com a primeira, já que a abordagem intencional argumenta que o autor é quem confere sentido ao mundo através da linguagem, impondo sua interpretação única. Segundo essa perspectiva, as palavras têm o significado que o autor deseja atribuir a elas. Nessa visão, a representação é vista como uma construção subjetiva, ligada à intenção do sujeito. Sugere-se, assim, que a realidade é moldada pela intenção do autor, sendo a representação uma projeção da sua realidade subjetiva. Além disso, acredita-se que não há intenção para além do que já foi produzido, resultando em uma "subjetividade rígida". Portanto, para essa concepção, a representação é como um reflexo que só faz sentido ao ser comparado a um suposto original - realidade que leva em conta a "intenção do autor" como base.

Por outro lado, a terceira perspectiva, chamada de construtiva, reconhece a dimensão social e pública da linguagem. Essa abordagem defende que nem os objetos em si, nem as pessoas que os utilizam, têm o poder de determinar os significados das palavras. Os objetos não contêm significado de forma intrínseca; somos nós que conferimos sentido por meio de sistemas de representação, que englobam conceitos e signos. Dessa maneira, a representação, entendida como uma construção do mundo, é estruturada dentro de um sistema de signos e representações que exercem funções simbólicas específicas. Assim, o universo das representações busca se sustentar por meio de diversas significações, permitindo a reinterpretação constante da realidade por meio de representações que carregam diferentes sentidos e funções simbólicas.

A representação desempenha um papel fundamental na forma como percebemos a realidade e construímos nossas identidades. Ela reflete não apenas os aspectos visíveis e concretos do mundo ao nosso redor, mas também os conceitos e ideologias que moldam nossa compreensão do mundo.

A abordagem construtivista nos ensina que a representação não é simplesmente uma reprodução fiel da realidade, mas sim uma interpretação subjetiva e influenciada por nossas experiências e crenças. Assim, a forma como retratamos algo ou alguém não só reflete nossos

próprios preconceitos e perspectivas, mas também contribui para moldar a maneira como essa entidade é percebida e compreendida pela sociedade como um todo.

Em resumo, a representação é uma ferramenta que influencia não apenas nossa percepção do mundo, mas também nossa construção de identidade e sentido de pertencimento. Ao adotarmos uma abordagem construtivista da representação, somos capazes de reconhecer a complexidade e a subjetividade inerentes a esse processo, e assim expandir nossa compreensão e apreciação das múltiplas camadas de significado que estão presentes em qualquer forma de representação.

Assim, de acordo com o estudo de Hall (2016, p. 54-55), ao examinar a representação através da perspectiva construtivista, nota-se que

representação é a produção do sentido pela linguagem. Na representação, argumentam os construtivistas, nós usamos signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, para nos comunicar inteligivelmente com os outros. Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo “real”. Entretanto, elas também podem fazer referência a coisas imaginárias e mundos de fantasia ou a ideias abstratas que não são, em nenhum sentido óbvio, parte do nosso mundo material. Não existe uma simples relação de reflexo, imitação ou correspondência direta entre a linguagem e o mundo real. O mundo não é precisamente refletido, ou de alguma outra forma, no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência, nós chamamos de “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significante, isto é, aquela que produz sentidos.

Dentre as abordagens de Hall (2016), a construtivista é a única que aborda a relação entre mapas conceituais e sistemas de signos. Isso porque ela considera a produção e construção de sentido com base em aspectos sociais, culturais e linguísticos, que são fluidos e não estáticos. As representações moldam o mundo e atribuem constantemente significados a ele.

Tanto Hall (2016) quanto Serge Moscovici (1978) discutem a importância das representações na formação de significados e identidades sociais. Porém, nas análises abordadas, Hall (2016) trata das abordagens construtivistas e a relação entre mapas conceituais e sistemas de signos, enquanto Moscovici (1978) traz a teoria das representações sociais e como elas influenciam a construção de identidades individuais e coletivas.

A teoria das representações sociais de Moscovici (1978) é essencial para compreender como as identidades individuais e coletivas são construídas no campo dos estudos sociais e psicológicos. A partir das ideias de Moscovici (1978), é possível analisar como as

representações sociais moldam nossas percepções de nós mesmos e dos outros, influenciando nossas identidades e reforçando padrões culturais e sociais.

Na obra "A representação social da psicanálise" de Moscovici (1978), destaca-se a importância da representação social da psicanálise na sociedade. Ele argumenta que a psicanálise é frequentemente mal compreendida e estigmatizada, e que sua representação social pode influenciar a forma como ela é percebida e utilizada.

Moscovici (1978) discute como a psicanálise é frequentemente vista como uma forma de terapia misteriosa e elitista, reservada apenas para aqueles que podem pagar por ela. Ele também examina como a psicanálise é muitas vezes retratada na mídia e na cultura popular, e como essas representações podem afetar a forma como as pessoas a veem.

O autor argumenta que é importante reconhecer e desafiar essas representações sociais da psicanálise, a fim de promover uma maior compreensão e aceitação da prática. Ele destaca a necessidade de educar o público sobre a psicanálise e suas aplicações, a fim de que ela seja mais acessível e amplamente utilizada.

Moscovici (1978), em seus estudos sobre as representações sociais, ressalta a capacidade da literatura de influenciar o imaginário coletivo e de provocar transformações sociais. Moscovici afirma que "As representações sociais presentes na literatura podem contribuir para a construção de novas visões de mundo e para a transformação das relações sociais e políticas". Dessa forma, a narrativa de Lima Barreto (1881-1922) em *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (2013) não apenas reflete as questões sociais e políticas do Brasil do século XX, mas também abre espaço para reflexões sobre a importância da educação e da literatura como instrumentos de mudança e inclusão na sociedade.

No geral, Moscovici (1978) enfatiza a importância da representação social da psicanálise e como essa representação pode influenciar a forma como a prática é percebida e utilizada na sociedade.

Moscovici (1978), destaca a inexistência de uma separação clara entre o mundo exterior e o mundo interior do indivíduo ou do grupo, mostrando que estes não são homogêneos em seu campo comum. O objeto é visto como parte de um contexto ativo e dinâmico, sendo concebido parcialmente pela pessoa ou pela coletividade como uma extensão de seu comportamento. Sua existência está ligada aos meios e métodos que permitem conhecê-lo, como no exemplo da definição de psicanálise ou psicanalista, que reflete a experiência pessoal do autor da definição. Negar o poder criador de objetos e eventos, assim como a capacidade de combinar imagens para criar novas combinações, é negar a habilidade humana evidente, presente na arte, folclore e senso comum. O sujeito se constitui a partir da

organização que ele dá ou aceita do real, situando-se no universo social e material. Existe uma relação de gênese e cumplicidade entre sua própria definição e a definição daquilo que não é ele, ou seja, do não-sujeito ou de outro sujeito.

Conforme Moscovici (1978) menciona, a reação não é apenas uma resposta ao estímulo, mas em certa medida, é sua fonte. O estímulo é influenciado pela reação. Caso alguém demonstre uma postura contrária à psicanálise - e a rotule como uma ideologia - entendemos essa atitude como uma posição perante uma disciplina científica, uma instituição, etc. Contudo, ao analisá-la mais detalhadamente, percebe-se que a psicanálise é mantida dentro do campo da ideologia precisamente para permitir esse julgamento negativo. Portanto, de acordo com o escritor, se uma representação social é vista como "uma preparação para a ação", não é apenas no sentido de remodelar e reorganizar os elementos do ambiente em que o comportamento existe, mas também de integrá-lo em uma rede de relações onde está ligado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as ideias, as teorias e os instrumentos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. As perspectivas individuais e de grupos são avaliadas, em seguida, tanto por sua natureza comunicativa quanto por sua natureza expressiva.

Segundo Moscovici (1978), as imagens e opiniões são reflexo da posição e dos valores de um indivíduo ou de uma coletividade, influenciando-se mutuamente. Os preconceitos sociais e raciais, por exemplo, se manifestam de forma interligada e comunicativa entre gerações e classes, levando os indivíduos a adotar uma atitude conformista. Assim, a mulher, o negro e o pobre foram condicionados a aceitar e reproduzir o preconceito como algo "normal" e "racional". Os sistemas têm uma lógica e linguagem próprias, baseadas em valores e conceitos específicos. Essa reflexão evidencia a importância de compreender e questionar as estruturas sociais que perpetuam desigualdades e preconceitos, visando promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Moscovici (1978) destaca que representar algo, um estado, não se trata apenas de desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, mas sim de reconstituí-lo, retocá-lo, modificar sua essência. A interação entre conceito e percepção, onde um influencia o outro, transforma a substância concreta em algo com impressão de "realismo", tornando as abstrações palpáveis e as materialidades mais abstratas, pois expressam uma ordem precisa. Essas construções intelectuais, uma vez estabelecidas, nos fazem esquecer que são frutos do nosso próprio trabalho, que tiveram um início e terão um fim, e que sua existência no mundo exterior reflete uma passagem pelo interior da mente individual e social. O ponto de vista das pessoas cultas é completamente moldado por essas ideias específicas. As palavras e ações dos pais instilam

nas crianças de nossa sociedade uma postura realista em relação ao mundo. As convicções que fundamentam a cultura científica já não são apenas enunciados teóricos, mas se tornaram parte da forma como percebemos o mundo atualmente - o mundo parece ser o mesmo que nossos antepassados aprenderam a descrever para eles. Moscovici (1978, p. 59) enfatiza:

As representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica. Mas essa dialética, o seu jogo revestem-se de um significado maior. Se algo de ausente nos impressiona e deflagra todo um trabalho do pensamento e do grupo, não é nessa condição, mas porque, em primeiro lugar, é algo de estranho e, depois, está fora do nosso universo habitual. Com efeito, a distância tem para nós a surpresa de que somos tomados e a tensão que a caracteriza. A Psicanálise, ao falar da infância, do sonho e do inconsciente, não só nos introduz num domínio distanciado da vida humana adulta, mas projeta igualmente uma luz que espanta e que choca. As descobertas científicas ou técnicas impressionam. A tensão a que fizemos alusão trai constantemente a sua origem, a saber a existência de uma incongruência, de uma incompatibilidade entre as possibilidades linguísticas, intelectuais, para dominar as partes do real a que o conteúdo, estranho, se refere.

De acordo com Moscovici (1978), a sociedade contemporânea enfrenta um desafio complexo relacionado à compreensão e descrição de fenômenos presentes em diferentes setores do ambiente. Existem lacunas de informações, termos e conceitos necessários para decifrar comportamentos ocultos que permeiam o meio social, bem como a proibição de utilizar certas palavras para descrever tais eventos. Por outro lado, percebe-se um excesso de informações e vocabulário em outros setores, permitindo a exploração indiscriminada de conceitos e palavras. Tanto grupos quanto indivíduos experienciam simultaneamente a escassez e abundância de conhecimentos e linguagens, os quais não podem ser associados livremente devido a restrições sociais e culturais.

Moscovici (1978) argumenta que a representação dissemina e integra experiências, vocabulários, conceitos e comportamentos provenientes de diversas origens. Ao fazer isso, ela diminui a variabilidade dos sistemas intelectuais e práticos, bem como os aspectos fragmentados da realidade.

Moscovici (1978) destaca que os elementos provenientes de diferentes esferas de atividade e discurso social se transferem entre si, funcionando como símbolos e instrumentos de interpretação mútua. Esquemas e vocabulário político são utilizados para classificar ou analisar fenômenos psicológicos, enquanto concepções ou linguagens psicológicas descrevem ou explicam processos políticos, e assim por diante. As teorias e significados específicos de cada campo se entrelaçam e transitam de um domínio para outro. Inicialmente, essas associações podem parecer arbitrárias ou convencionais, mas rapidamente se tornam

orgânicas e justificadas. A criatividade e a redundância das representações revelam uma grande plasticidade, bem como uma considerável inércia, propriedades contraditórias, sem dúvida, mas inevitáveis. É nessa condição que o mundo mental e real se transforma continuamente, mantendo ainda uma certa constância: o estranho se infiltra no familiar, e este abre brechas no desconhecido.

A noção de representação ainda nos escapa. No entanto, como nos aponta Moscovici (1978), podemos nos aproximar dela de duas maneiras distintas. Primeiro, ao definirmos sua natureza como um processo psíquico que é capaz de tornar familiar, situar e trazer para nosso universo interior aquilo que está distante ou ausente. Esse processo resulta em uma "estampagem" do objeto, que persiste enquanto houver necessidade ou relevância. Essa figura, presente em cada operação mental, atua como ponto de partida e retorno, conferindo especificidade à forma de conhecimento, seja intelectual ou sensorial. Por isso, é frequentemente dito que toda representação é uma representação de algo.

Moscovici (1978) explora a noção de representação social e como ela se diferencia dos sistemas cognitivos tradicionais. Ele argumenta que a representação social se manifesta como um conjunto de proposições, reações e avaliações sobre temas específicos, expressas ao longo de pesquisas de opinião ou conversas, refletindo o "coro" coletivo ao qual todos pertencem, conscientemente ou não. Esse coro é, essencialmente, a opinião pública, historicamente vista como a rainha do mundo e o tribunal da História.

No entanto, essas proposições, reações e avaliações são organizadas de maneiras variadas dependendo das classes sociais, culturas ou grupos, resultando em diversos universos de opinião. Moscovici (1978) sugere que cada universo possui três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação ou linguagem.

A dimensão da informação refere-se à estruturação dos conhecimentos que um grupo possui sobre um determinado objeto social. Este conhecimento é moldado pelas experiências e contextos específicos do grupo, influenciando suas percepções e interpretações. A atitude abrange as predisposições emocionais e valorativas do grupo em relação ao objeto social, enquanto o campo de representação ou linguagem diz respeito às formas e meios pelos quais essas percepções e atitudes são expressas e comunicadas.

Dessa forma, Moscovici (1978) ilumina como as representações sociais são dinâmicas e contextuais, moldadas por uma interação complexa de fatores cognitivos, emocionais e culturais. Ele destaca que essas representações não apenas refletem a realidade social, mas também a constroem, influenciando comportamentos e interações dentro de diferentes contextos sociais.

Moscovici (1978) expande a compreensão da noção de "campo de representação", sugerindo que ela nos remete à ideia de imagem ou modelo social, que engloba o conteúdo concreto e específico das proposições relacionadas a um aspecto particular do objeto da representação. Ele argumenta que, embora as opiniões possam abranger o conjunto representado, isso não implica necessariamente que o conjunto seja ordenado e estruturado.

Moscovici (1978) enfatiza que a noção de dimensão nos obriga a reconhecer a existência de um campo de representação, ou uma imagem, onde há uma unidade hierarquizada de elementos. A amplitude deste campo e os pontos que o orientam variam, incorporando tanto os juízos formulados quanto a tipologia das pessoas que adotam essa teoria específica.

A profundidade do conceito de campo de representação reside na forma como ele reflete a complexidade das interações sociais. Moscovici (1978) sugere que essas representações não são estáticas; elas são dinâmicas e moldadas por uma variedade de fatores contextuais e culturais. O campo de representação inclui a maneira como os grupos sociais organizam e estruturam seus conhecimentos sobre um objeto social, influenciados por suas experiências, valores e contextos específicos.

Além disso, Moscovici (1978) propõe que a representação social serve como um modelo interpretativo que facilita a compreensão do mundo ao nosso redor. Ela não apenas reflete a realidade social, mas também a constrói, influenciando comportamentos, atitudes e interações sociais. Através da análise das representações sociais, é possível entender como diferentes grupos percebem e interpretam fenômenos sociais, revelando as complexas redes de significados que sustentam a vida social.

Portanto, a exploração do campo de representação e sua hierarquização de elementos fornece uma visão mais detalhada de como as opiniões e percepções são formadas, estruturadas e disseminadas dentro de diferentes contextos sociais. Esta perspectiva é crucial para uma análise profunda das dinâmicas sociais e culturais que moldam nossas interações cotidianas e a construção de significados coletivos.

Moscovici (1978) argumenta que o núcleo da representação social é naturalizado, o que exige localizar, fixar e ordenar as condutas individuais de acordo com esse núcleo. Essa é a função essencial do pensamento classificatório, que completa o panorama das principais instâncias do psiquismo, indicando quais elementos estão presentes e quais deveriam ou não ocupar determinado lugar.

Moscovici (1978) destaca que os conceitos psicanalíticos, antes vistos como imagens estáticas, agora se transformam em categorias sociais que diferenciam indivíduos, aparências

ou eventos, e que são confirmadas por esses elementos. Cada termo se consolida, ao longo de seu uso, como um instrumento "natural" de compreensão pelo grupo, que o aceita como tal. A classificação, portanto, permite alcançar vários objetivos essenciais para a orientação nas relações interpessoais e com o ambiente.

Ao escolher entre diversos sistemas de categorias para qualificar um indivíduo como louco ou neurótico, opta-se entre um sistema clássico ou psicanalítico de descrição da saúde mental. A definição de características comuns permite estabelecer equivalências entre os indivíduos, enquanto o reconhecimento de certos comportamentos significativos e a atribuição de nomes a eles facilita a compreensão e a comunicação dentro do grupo.

A abordagem de Moscovici (1978) sublinha a importância das representações sociais como estruturas dinâmicas que não apenas refletem, mas também moldam a realidade social. Ao naturalizar certos conceitos e categorias, essas representações influenciam profundamente as percepções, comportamentos e interações sociais. Dessa forma, o pensamento classificatório não é apenas uma ferramenta cognitiva, mas também um mecanismo social que orienta e organiza a vida coletiva.

Moscovici (1978) apresenta três observações cruciais em sua obra, que são fundamentais para uma Psicologia Social do conhecimento. Primeiramente, Moscovici destaca a estrutura dos processos intelectuais, enfatizando a semelhança entre a forma de pensamento descrita e a inteligência concreta. Essa observação sublinha que os processos de pensamento humanos são frequentemente moldados por contextos práticos e tangíveis, refletindo a complexidade da inteligência cotidiana.

Em segundo lugar, Moscovici (1978) aponta para o parentesco entre analogia, compensação e sincretismo infantil. Ele sugere que esses mecanismos não são exclusivos das crianças, mas continuam a influenciar o pensamento adulto, evidenciando uma continuidade no desenvolvimento cognitivo. Essa conexão indica que a mente humana recorre a estruturas básicas e universais de compreensão ao longo da vida.

A terceira observação de Moscovici (1978) refere-se à coexistência de vários modos de pensamento dentro do mesmo indivíduo. Ele argumenta que uma pessoa, independentemente de seu nível de erudição, tende a raciocinar de maneira específica conforme o domínio ou função em questão. Esse pluralismo cognitivo revela que o pensamento humano é multifacetado, adaptando-se às exigências de diferentes contextos e situações.

Essas observações de Moscovici (1978) são perturbadoras e, de certa forma, contraditórias, pois desafiam a visão linear e homogênea do raciocínio humano. Elas

ressaltam a complexidade e a flexibilidade do pensamento, que integra diversos modos e estruturas cognitivas para lidar com a realidade. Moscovici, portanto, oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre os processos intelectuais, sublinhando a importância de considerar a diversidade e a adaptabilidade do pensamento humano na Psicologia Social do conhecimento. Ao final, ele nos convida a refletir sobre a natureza dinâmica e contextual do raciocínio, essencial para compreender a interação entre indivíduo e sociedade.

Serge Moscovici (1978) e Stuart Hall (2016) fazem contribuições significativas para a compreensão das representações sociais e culturais, bem como seu impacto na formação da identidade e na construção de significados. Moscovici, por meio de sua teoria das representações sociais, salienta que as percepções coletivas são influenciadas pelo contexto social e histórico, ressaltando a interconexão entre identidade individual e representações coletivas presentes na sociedade, especialmente em suas análises sobre psicanálise e sua recepção. Hall, por sua vez, aborda a complexidade na construção de significados através de sistemas de representação, afirmando que a linguagem e os signos têm um papel fundamental na formação das identidades e na mediação das relações sociais.

Ambos os autores reconhecem a influência das representações na formação da identidade, mas sob pontos de vista diferentes. Moscovici foca nas dinâmicas que moldam a percepção social e a estrutura do conhecimento e Hall adota uma visão mais abrangente, que integra linguística, cultura e práticas sociais em sua análise. A principal diferença reside na ênfase de Moscovici na relação entre indivíduos e grupos na formação das representações sociais, enquanto Hall destaca o papel ativo da linguagem como um agente na construção de sentido no contexto cultural.

Em síntese, este estudo reconhece que tanto as representações sociais de Moscovici quanto as abordagens de Hall são fundamentais para uma compreensão abrangente das complexas intersecções entre cultura, linguagem e identidade na sociedade contemporânea.

Esta seção apresenta estudos teóricos sobre as representações sociais e culturais no Brasil, fundamentando-se nas contribuições de Moscovici (1978), Hall (2016) e Ribeiro (1995). Destaca-se que a sociedade brasileira resulta da intersecção entre portugueses, indígenas e africanos escravizados, gerando uma nova etnia nacional marcada pela miscigenação e por uma cultura sincrética. Essa complexa formação social e histórica molda as percepções coletivas e as identidades.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE

Ao abordar o conceito de representação social, conforme discutido por Moscovici (1978) e Hall (2016), é importante contextualizar a formação da sociedade brasileira. De acordo com o sociólogo Darcy Ribeiro (1995), a sociedade brasileira nasceu da confluência de três grupos principais: os portugueses, que o autor descreve como invasores; os indígenas; e os africanos trazidos à força para o Brasil como escravizados.

Neste processo de encontro, Ribeiro (1995) destaca que, liderados pelos portugueses, diversas matrizes raciais, tradições culturais distintas e estruturas sociais desiguais interagem e se amalgamam, resultando na formação de um novo povo. Essa nova população desenvolve uma etnia nacional que se distingue de suas origens, marcada por uma miscigenação intensa, uma cultura sincrética e a união de diferentes traços culturais provenientes desses grupos. Assim, essa população se reconhece e é percebida como uma nova humanidade, distinta das anteriores, criando um modelo social que inaugura uma forma particular de organização socioeconômica. Tal organização se fundamenta em um escravismo renovado e em uma servidão contínua ao mercado global, caracterizada por uma alegria que aparenta ser paradoxal e uma profunda busca por felicidade, mesmo em meio ao sofrimento, algo que toca profundamente a todos os brasileiros.

O autor também enfatiza que, ademais, essa sociedade possui raízes antigas, consolidando-se como um proletariado externo. A cultura e a sociedade brasileiras se apresentam como variantes da tradição civilizatória lusitana da Europa Ocidental, enriquecidas por elementos dos indígenas americanos e dos africanos. O Brasil surge, portanto, como um ramo novo e mutante que, embora possua características próprias, mantém um forte vínculo com a matriz portuguesa, cujas potencialidades se manifestariam de maneira plena neste contexto.

A partir dessas colocações, Ribeiro (1995) ressalta que a singularidade dos brasileiros em relação aos portugueses decorre das qualidades diferenciadoras oriundas de suas matrizes indígenas e africanas, da proporção particular em que esses grupos se congregaram no Brasil, das condições ambientais enfrentadas e dos objetivos de produção que os engajaram e reuniram.

O autor também salienta que essa unidade étnica básica, porém, não implica uniformidade, devido à atuação de três forças diversificadoras: a ecológica, que criou paisagens humanas distintas por meio das adaptações regionais necessárias às condições

ambientais; a econômica, que gerou formas diferenciadas de produção e especializações funcionais com seus correspondentes modos de vida; e, finalmente, a imigração, que introduziu novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses. Estes, ao se inserirem no tecido social brasileiro já formado, foram em grande parte absorvidos e abasileirados, ainda que tenham gerado diferenciações em áreas ou estratos sociais onde se concentraram mais intensamente.

Historicamente, essas vias moldaram diversos modos de ser dos brasileiros, permitindo distingui-los hoje como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do Litoral, caipiras do Sudeste e do Centro do país, e gaúchos das campanhas Sulinas. Todos eles são mais marcados pelo que têm em comum como brasileiros do que pelas diferenças regionais, funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam uma fisionomia própria a cada parcela da população.

Apesar das inúmeras diferenças em termos de raças, culturas, funções e perfis populacionais, os cidadãos brasileiros se identificam e se comportam como pertencentes a uma única entidade étnica nacional. É importante ressaltar que essa identidade é distinta de outras que compartilham a mesma língua, com variações regionais de sotaque menos acentuadas do que os dialetos presentes em Portugal.

Ao participar de um conjunto de tradições compartilhadas que se demonstram mais importantes do que as diferenças culturais que possam existir entre regiões, classes sociais ou descendentes de grupos étnicos diversos, os brasileiros se unem como uma única etnia nacional. Essa união vai além de características étnicas, transformando o Brasil em uma etnia nacional, um povo unido em uma nação, estabelecido em um território específico e sob a autoridade de um Estado único para direcionar seu futuro em comum.

Os brasileiros se unem como uma única etnia nacional, constituindo assim um povo unificado dentro de uma nação coesa, em um Estado com predominância étnica. A única ressalva são as múltiplas microetnias tribais, tão insignificantes que não afetam o rumo nacional.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil testemunhou profundas transformações em sua sociedade, especialmente no âmbito político, social e educacional. Darcy Ribeiro (1995), em suas análises, destaca o impacto da abolição da escravidão e a transição para um sistema de trabalho livre, que trouxe desafios e desigualdades para a nossa sociedade. A educação, nesse contexto, desempenhou um papel fundamental na formação de uma nova geração e na adaptação às mudanças econômicas e sociais que estavam em curso.

Com a promulgação da Constituição e a modernização das fazendas, o Brasil viu surgir um cenário de industrialização, com a abertura de fábricas e a urbanização de diversas regiões. Este processo impulsionou o desenvolvimento de novas oportunidades educacionais, especialmente nas grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde as famílias buscavam acesso à educação e informação para seus filhos.

De acordo com o autor, as condições de trabalho nas fábricas eram extremamente precárias, caracterizadas por jornadas exaustivas e pela exploração de mão de obra infantil e feminina, sem a devida regulamentação. Nesse contexto, as primeiras greves operárias emergiram como uma resposta à demanda por melhores condições laborais e direitos trabalhistas. Contudo, essas transformações ocorreram de maneira desigual ao longo do país; enquanto algumas regiões, como o Nordeste, permaneciam sob o domínio dos proprietários de terras e os efeitos remanescentes do trabalho escravo, no Rio de Janeiro se observavam contrastes marcantes entre a aristocracia e os bairros mais pobres, onde a população enfrentava graves desafios, incluindo doenças e desemprego.

Nos salões da elite e nos cortiços, a desigualdade social era evidente, refletindo as lutas e desafios enfrentados pela sociedade brasileira neste período de transição. Assim, segundo Ribeiro (1995), a educação desempenha um papel fundamental na formação do povo brasileiro ao longo da história, sendo crucial para a resistência, promoção da cidadania e inclusão social dos oprimidos. A educação, nesse contexto, se tornava uma ferramenta essencial na busca por um futuro mais justo e igualitário para todos os cidadãos. O autor aponta as desigualdades presentes no sistema educacional do Brasil, especialmente a falta de acesso à educação de qualidade para os mais pobres, e denuncia a exclusão de grupos como os indígenas e afrodescendentes nesse contexto.

Ribeiro (1995) também destaca a importância de valorizar a cultura brasileira no ensino, ressaltando a diversidade cultural e étnica como meios de combater a exclusão e promover a inclusão social. Ao analisar a relevância da educação na construção da identidade nacional e na transformação da sociedade brasileira, o autor enfatiza a necessidade de reformas no sistema educacional para promover uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Ele acredita na importância de políticas que visem a redistribuição de recursos e a participação popular para combater a concentração de renda e poder, além de defender a valorização da diversidade cultural do Brasil. Para Ribeiro (1995), a educação é essencial para o desenvolvimento do país e para superar as desigualdades sociais, sendo fundamental a implementação de políticas públicas que garantam igualdade de oportunidades e acesso a

serviços básicos para todos, combatendo a desigualdade social e racial. Ribeiro (1995) também acreditava que um sistema educacional inclusivo e de qualidade poderia proporcionar oportunidades de ascensão social para as comunidades desfavorecidas.

Ribeiro (1995) analisa a formação da sociedade brasileira e suas contradições, destacando a importância da educação e da consciência histórica para a transformação social. Suas ideias sobre a cultura e a identidade brasileira podem ser relacionadas aos estudos de Antonio Candido (1980), o qual defendia que a literatura é uma expressão cultural que reflete e influencia a sociedade em que está inserida. Candido (1980) também destacava a importância da análise crítica das obras literárias para revelar aspectos da realidade social e histórica de um determinado contexto.

Ambos os autores compartilham a visão de que a cultura e a educação são elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Enquanto Ribeiro (1995) enfatiza a importância da educação na formação de cidadãos conscientes e críticos, Candido (1980) ressalta a importância da literatura como uma ferramenta de reflexão e interpretação da realidade. A análise das obras literárias e a valorização da cultura brasileira são cruciais para compreender e transformar a sociedade em que vivemos. A literatura nos permite explorar diferentes perspectivas, mergulhar em universos ficcionais e refletir sobre questões sociais, políticas e culturais em profundidade, expandindo nossos horizontes e conhecimentos.

A literatura brasileira, em particular, reflete a diversidade étnica, cultural e social do país, valorizando nossos escritores e obras literárias, honrando nossa história e identidade. A leitura e a reflexão sobre a literatura nacional contribuem para promover a valorização dos autores locais e enriquecer nosso repertório intelectual, conectando-nos com o passado, desafiando-nos no presente e inspirando-nos a construir um futuro mais justo e humano.

É fundamental que continuemos a explorar obras literárias de diversos períodos e estilos, ampliando nosso repertório e aprofundando nossa compreensão sobre a sociedade e a cultura brasileira. A leitura crítica e o debate sobre os temas abordados nas obras são essenciais para contribuir com a reflexão e a transformação da realidade.

Incentivar a leitura e a valorização da literatura em todas as suas formas é essencial para formar cidadãos críticos, sensíveis e engajados, exercitando a empatia, o pensamento crítico e a criatividade. Para fortalecer a literatura brasileira, é importante buscar novas obras, autores e perspectivas, mantendo viva a chama do conhecimento e da reflexão, conectando-nos com nossa história, raízes e possibilidades de transformação. Vamos

continuar explorando, questionando e nos inspirando através das páginas dos livros, construindo juntos um futuro mais humano e igualitário.

Ao tratar da literatura e da vida social, Candido (1980) salienta que o primeiro passo importante nos dias de hoje é estabelecer limites claros e ressaltar que a sociologia é apenas uma disciplina complementar neste caso. Seu objetivo não é explicar completamente o fenômeno literário ou artístico, mas sim fornecer *insights* sobre alguns de seus aspectos.

Para muitos eventos desse tipo, a análise sociológica é ineficaz e poderia até mesmo atrapalhar a interpretação; em outros casos, no entanto, pode ser útil; e em algumas situações, é essencial. Diante disso, Candido (1980, p. 28) questiona “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”

Dessa forma, conseguiremos nos aproximar de uma interpretação mais profunda e contraditória, deixando de lado a abordagem mecânica que normalmente prevalece. Algumas correntes mais ativas da estética contemporânea estão interessadas em analisar como a obra de arte molda o ambiente ao seu redor, constrói sua audiência e as maneiras pelas quais é assimilada, agindo de forma contrária às influências externas.

Candido (1980) questiona as possíveis influências do meio sobre a obra, afastando respostas tradicionais que envolvem a arte como expressão da sociedade ou interessada em problemas sociais. Ele destaca que a literatura é um produto social, expressando as condições de cada civilização em que ocorre. Durante o século XIX, houve uma tendência de avaliar a arte baseada em sua correspondência com a realidade, resultando em análises superficiais que não satisfaziam como interpretação.

Candido (1980) critica a tendência de analisar o conteúdo social das obras de arte, argumentando que esta abordagem muitas vezes se baseia em princípios morais ou políticos, sugerindo que a arte deve ter um conteúdo específico para ser valorizada. Ele considera que essa abordagem é mais uma afirmação de princípios do que uma investigação genuína, comparando-a à tendência sectária que levou Bossuet a proibir o teatro no século XIX. Essa abordagem reducionista, segundo o autor, pode levar tanto marxistas radicais quanto católicos conservadores a condenar obras que não se encaixam em suas ideologias. Ele menciona o estudo de Tolstói como um exemplo radical desta postura, em que o escritor julga as obras com base em sua mensagem moral, de acordo com seu anarquismo místico.

Em resumo, como Candido (1980) enfatiza, a arte é um fenômeno social que sofre influência de diferentes aspectos sociais, moldando as atitudes e ideias dos indivíduos. Ela está profundamente conectada a relações e circunstâncias estruturais que permeiam a vida

artística. Por exemplo, ele destaca que a literatura hermética possui aspectos sociais assim como a poesia política ou o romance de costumes, devido à sua linguagem e efeitos sobre as correntes de opinião. Os fatores socioculturais exercem grande influência na arte, refletindo-se na estrutura social, nos valores e ideologias presentes, bem como nas técnicas de comunicação - afetando a posição do artista na sociedade, a forma e conteúdo da obra artística, assim como sua produção e divulgação. Candido (1980) aponta que esses fatores influenciam os quatro momentos essenciais da produção artística: a necessidade interior do artista, a escolha dos temas, o uso das formas e o impacto resultante da síntese sobre o meio.

A obra de arte não está completa até que seja recebida e interpretada pelo público. A interação entre o artista, a obra e o público é essencial para entender o impacto social e cultural da obra de arte. Portanto, separar a repercussão da obra de sua feitura seria ignorar a importância da interação social na criação e no significado da arte. A obra de arte só é realmente completa quando é recebida pelo público e provoca um efeito significativo sobre ele.

A arte é uma forma de comunicação expressiva que se baseia na intuição do artista e se materializa tanto na forma quanto no conteúdo da obra. Ela reflete a personalidade do artista, mas também é influenciada por suas experiências e pelo ambiente cultural em que está inserida. Segundo a estética idealista, a arte valoriza a intuição e a expressividade, ressaltando a ligação entre forma e conteúdo na expressão artística. A arte pressupõe uma comunicação abrangente e integradora, que engloba tanto o criador quanto o espectador.

Segundo Candido (1980), é importante investigar como os elementos da produção artística, como autor, obra e público, são condicionados socialmente. A atuação dos fatores sociais varia de acordo com o tipo de arte considerada e a orientação das obras. A partir de uma perspectiva sociológica, as obras de arte podem ser divididas em dois grupos: arte de agregação e arte de segregação. É fundamental entender esses conceitos para a discussão subsequente, sem estabelecer uma distinção categórica.

O autor também destaca que a primeira forma de expressão cultural se baseia na experiência comum e utiliza meios de comunicação acessíveis, buscando integrar-se ao sistema simbólico existente da sociedade. Já ele diz que a segunda forma busca inovar, criando novas formas de expressão e se dirigindo a um público inicialmente restrito, que se destaca como parte de uma sociedade diferenciada.

A distinção entre arte integrativa e arte diferenciadora não se trata de dois tipos separados, mas sim de aspectos presentes em toda obra de arte, em diferentes proporções de acordo com a interação entre a expressão grupal e as características individuais do artista. A

predominância de um ou de outro pode ser considerada, o que é relevante no contexto dos fenômenos sociais da integração e diferenciação. A integração refere-se à valorização dos padrões comuns da sociedade, enquanto a diferenciação destaca as peculiaridades e diferenças individuais. Ambos os processos são complementares e essenciais para a socialização do homem, sendo que a arte também precisa equilibrar essas duas tendências para sobreviver de forma significativa.

Candido (1980) ressalta a importância da relação entre arte e sociedade, destacando como os elementos fundamentais da comunicação artística - autor, obra e público - são influenciados pelos valores, técnicas e estrutura social. Ele enfatiza que a posição e o papel do artista são definidos pela sociedade, a obra reflete os recursos técnicos e valores disponíveis, e o público é moldado pelas obras criadas. Essa interação é fundamental para compreender a produção artística, pois o artista estimula a diferenciação de grupos, as obras modificam os recursos de comunicação e o público é delimitado e organizado. Candido (1980) destaca a dialética existente entre arte e sociedade, mostrando como esses dois universos se influenciam mutuamente em um sistema complexo de interações.

Dessa forma, Candido (1980) defende a importância de reconhecer e valorizar o papel do artista na criação artística. Para ele, é fundamental reconhecer o indivíduo como agente principal na produção de uma obra de arte. Por outro lado, a arte coletiva reflete as aspirações e valores de uma determinada época de forma tão intensa que o criador original muitas vezes se torna irreconhecível. Isso ocorre porque a obra se funde com o contexto histórico e cultural em que é produzida, tornando-se parte integrante dele.

Assim, Candido (1980) afirma que cada pessoa se torna importante para a sociedade quando atende às necessidades coletivas, permitindo que os indivíduos se expressem e sejam reconhecidos pelo grupo. A relação entre o artista e a sociedade é determinada por esse contexto, onde o artista cria uma obra que reflete suas aspirações individuais, mas também está relacionada à aceitação ou não pela sociedade. Dessa forma, é importante considerar qual a função do artista, sua posição social e os limites de sua liberdade criativa, para entender o papel do público na recepção da obra.

De acordo com Candido (1980), a produção de arte está intrinsecamente ligada à sociedade e aos papéis sociais definidos dentro dela. Ele acredita que a arte é uma forma de expressão das relações e conflitos presentes na sociedade, e que os artistas, mesmo que não sejam reconhecidos oficialmente, desempenham um papel fundamental nesse processo. Em seu entendimento, a arte não é apenas uma iniciativa individual, mas sim um reflexo do contexto social no qual está inserida, evidenciando as diversas formas de interação entre

indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, a produção de arte não depende necessariamente de um reconhecimento público, mas sim da capacidade de expressão e reflexão sobre os aspectos da sociedade em que vivemos.

Candido (1980) destaca a importância do receptor de arte, principalmente da literatura, e como ele se integra ao público de forma diversificada. Nas sociedades primitivas e grupos rústicos, a separação entre o artista e os receptores não é tão clara, com todos participando da execução de manifestações artísticas. Com o crescimento demográfico e a diferenciação das sociedades, artista e público se distinguem mais claramente, permitindo a existência de um público diferenciado. No entanto, em tempos modernos, o público muitas vezes se torna um conjunto informe, sem uma estrutura definida, dificultando a proximidade direta entre criador e receptor.

Na sociedade contemporânea, diferentes grupos de indivíduos se tornam públicos das artes por interesse estético, exercendo influência sobre os artistas. A influência sociocultural, técnica e de valores molda esses públicos, alterando a percepção da arte. Os avanços tecnológicos, como a escrita, tipografia, fonógrafo e reprodução de pinturas, impactaram a formação desses públicos. Os valores sociais, como preferências e tendências, muitas vezes levam à conformidade com os padrões estabelecidos, dificultando um julgamento livre de influências externas para a apreciação da arte. Candido (1980), também salienta o quanto tendemos a assimilar as normas sociais e, por isso, nossa reação é genuína e nos traz uma satisfação que se equipara às descobertas, independente do impacto delas.

Assim, conforme Candido (1980) aponta, ao tratar da relação entre a obra, o autor e o público é fundamental do ponto de vista sociológico, pois a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. O público dá sentido à obra e sem ele o autor não se realiza. Os artistas incompreendidos ganham reconhecimento com o tempo. O público é o elo entre o autor e a sua obra, e o interesse inicial está na obra, só depois se estendendo à personalidade do autor. O autor é o intermediário entre a obra e o público, desencadeando o processo de interação entre eles.

Embora não seja possível analisar detalhadamente como a obra de arte influencia a sociedade, formando grupos e difundindo padrões estéticos e morais, ficou claro que o estudo sociológico da arte, especialmente na literatura, ajuda a compreender a formação e o destino das obras artísticas.

Cabe destacar que Candido (1980) afirma que as manifestações artísticas são essenciais para a vida social, atuando como forma de equilíbrio coletivo e individual. Elas expressam impulsos e necessidades de expressão, comunicação e integração, que vão além de

impulsos biológicos. Vistas como funcional ou multifuncional, as expressões artísticas são necessárias para a existência do grupo, integrando-se na complexidade da sociedade. A arte permite a realização individual e a criação de um patrimônio comum, fazendo do artista um intérprete universal. Nas sociedades primitivas e rústicas, essa relação é mais clara do que nas sociedades urbanas. Tanto nas sociedades primitivas quanto nas urbanas, a arte é produzida através de representações estilizadas, refletindo uma visão coletiva e contendo um elemento de gratuidade essencial.

Segundo Candido (1980), a literatura é um conjunto dinâmico de obras que se relacionam entre si e com os leitores, dependendo da interpretação e aceitação destes. Os escritores, as obras e os leitores formam um sistema em constante interação, que molda a realidade literária ao longo do tempo.

A posição social do escritor e a formação do público têm grande influência na produção literária. A consciência de fazer parte de um grupo específico da sociedade pode afetar a abordagem dos escritores em relação à sua escrita. Além disso, as condições socioeconômicas em que os escritores trabalham também impactam a evolução da literatura.

O público desempenha um papel fundamental na relação entre autor e obra. A reação dos leitores é essencial para que o autor compreenda a si mesmo através de sua criação. Escrever é permitir a manifestação do outro, revelando nossa própria imagem para nós mesmos. A validação da obra pelo público é crucial para o escritor, e a presença ou ausência da reação dos leitores pode influenciar o desenvolvimento da obra e a trajetória do artista.

O público não se resume a um grupo social específico, mas a uma coleção de indivíduos interessados em determinado tema. Dentro desse conjunto abstrato, existem grupos menores que exercem influência sobre o autor. Apesar do contato direto com os leitores não ser sempre presente, os círculos de leitores e apreciadores, muitas vezes pertencentes às elites, têm papel direto na orientação da obra do autor. Conforme Candido (1980, p.86) destaca,

De qualquer modo, um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto — as elites. O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios etc); o segundo e o terceiro se definem automaticamente, e aliás acabam de ser sugeridos.

A questão do grupo social é relevante, mas também é importante considerar a obra como pessoal e individual, como afirma Candido (1980, p. 147):

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação".

Dessa forma, a literatura se torna um elo entre o indivíduo e a coletividade, entre o passado e o presente, entre o autor e o leitor. É nesse diálogo constante que as obras literárias ganham vida e significado, deixando uma marca indelével na cultura e na história da humanidade. A palavra escrita transcende fronteiras e épocas, conectando gerações e proporcionando reflexões sobre a condição humana. A literatura, portanto, é um tesouro compartilhado que enriquece e emociona, estimulando a imaginação e promovendo a empatia. É por meio da comunicação e da transmissão de ideias e valores que a literatura cumpre sua missão de unir e transformar os indivíduos e a sociedade como um todo.

Ao analisar as escritas de Candido (1980), é possível perceber os aspectos relevantes da época em que a *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, (1909) foi produzida. Em especial, quando o autor destaca a questão da comunidade absorver o grupo. Candido (1980) enfatiza a situação no século XIX, mais precisamente entre os anos de 1890 a 1910.

Nesse período, a cidade e a sociedade passaram por mudanças significativas, crescendo em população e diversificação étnica. A diferenciação social tornou-se mais evidente, com novos grupos surgindo e as camadas se sobrepondo de forma diferente. A literatura deixou de depender apenas dos estudantes para sobreviver, alcançando um público mais amplo e se tornando uma atividade literária independente, recrutando membros de diversos grupos sociais. Este período marcou a integração da literatura na sociedade, deixando de ser vista como uma manifestação restrita a um grupo específico.

Assim, “(...) a literatura se torna acentuadamente social, no sentido mundano da palavra. Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem.” (Candido, 1980, p. 165), sendo esse o momento do Parnasianismo e do Naturalismo.

Isso quer dizer que tanto o Parnasianismo quanto o Naturalismo foram movimentos literários que se adaptaram bem à difusão da literatura na comunidade em mudança, por conta de sua clareza, elaboração, conformidade com o bom senso e realidade, e capacidade de comunicação de acordo com os padrões da classe dominante e da gente culta. Eles ajudaram a disseminar a literatura para além das elites, atingindo a população em geral.

Diante do exposto, podemos entender que a literatura desempenha um papel fundamental na interação entre os indivíduos e na construção da sociedade como um todo. Ao

conectar passado, presente e futuro, autores e leitores, a literatura transcende barreiras e promove reflexões sobre a condição humana. Dessa forma, é através da comunicação e transmissão de ideias e valores que a literatura cumpre sua missão de unir e transformar os indivíduos e a sociedade, deixando uma marca indelével na cultura e na história da humanidade. A obra de Lima Barreto (1881-1922), analisada de acordo com os estudos de Candido (1980), exemplifica a importância da literatura como um tesouro compartilhado que enriquece e emociona, promovendo a empatia e estimulando a imaginação. Assim, a literatura continuará a desempenhar um papel central na vida das pessoas, integrando-se cada vez mais na comunidade e deixando um legado duradouro para as gerações futuras.

Candido (1980) enfatiza a relevância da literatura como instrumento de expressão e análise da realidade social. Para ele, a literatura é uma forma de conhecimento que está intrinsecamente ligada à sensibilidade, sendo essencial para a compreensão do mundo e de nós mesmos. Nesse sentido, as obras de Lima Barreto (1881-1922), ao abordarem as disparidades sociais e as questões políticas do Brasil, contribuem para enriquecer o debate sobre o papel da educação na transformação da sociedade e na promoção da igualdade. Segundo Candido (1980), é fundamental compreender a literatura brasileira por meio da análise da obra, do contexto em que foi produzida e da sua recepção.

Através da obra de Lima Barreto (1881-1922), é possível identificar a crítica social presente em suas narrativas, que expõem as injustiças e desigualdades presentes na sociedade brasileira. O autor, conhecido por seu estilo direto e realista, traz à tona temas como a discriminação racial, a corrupção política e a influência do poder econômico nas relações sociais.

Ao analisar a recepção das obras de Lima Barreto (1881-1922), percebe-se que, muitas vezes, o autor foi marginalizado e incompreendido em vida, não recebendo o devido reconhecimento que sua obra merecia. No entanto, atualmente, sua contribuição para a literatura brasileira é amplamente reconhecida, sendo considerado um dos principais escritores do período modernista.

Segundo Candido (1980), a educação é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cultural e crítico dos indivíduos, sendo capaz de promover a transformação da sociedade por meio do acesso ao conhecimento e da formação de cidadãos conscientes. Lima Barreto (1881-1922), em suas obras, aborda a importância da educação como instrumento de emancipação e igualdade social, denunciando as desigualdades e injustiças presentes no sistema educacional brasileiro. Para o autor, a educação deve ser acessível a

todos, independente de classe social, promovendo a valorização da cultura popular e o empoderamento das camadas mais marginalizadas da sociedade.

Neste sentido, o romance estudado torna-se um recurso para fazer a crítica da sociedade, denunciando as injustiças e desigualdades que caracterizavam a sociedade brasileira do início do século XX. Através da trajetória do personagem Isaías Caminha, o autor expõe as barreiras enfrentadas por um jovem negro e pobre que busca ascender na sociedade, demonstrando a realidade de uma época marcada pelo preconceito, pela segregação e pela falta de oportunidades para os menos favorecidos. Assim, ao analisar a obra de Lima Barreto sob a perspectiva do conceito de mimesis, proposto por Auerbach (2013), é possível compreender a importância da literatura como ferramenta de reflexão e transformação social.

2.3 A QUESTÃO DA MÍMESIS

Erich Auerbach (2013), em sua obra *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, ressalta a capacidade da literatura de refletir as diversas camadas da realidade social e histórica. A abordagem de Lima Barreto (1881-1922) em *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013) evidencia essa proposta, ao retratar a jornada do protagonista em busca de reconhecimento social através da educação. Auerbach (2013) destaca que a literatura, ao representar a realidade, permite ao leitor refletir sobre seu próprio tempo e contexto, estabelecendo uma conexão entre passado, presente e futuro.

Para Auerbach (2013), o real na literatura vai além da simples representação do cotidiano. O autor busca explorar como os escritores conseguem captar e transmitir as diferentes camadas da sociedade e da história em suas obras. Para isso, ele utiliza uma abordagem de representação e analítica, examinando obras literárias de épocas, gêneros e culturas diversas.

Auerbach (2013) destaca a importância da linguagem e da forma narrativa na representação do real, mostrando como os escritores conseguem retratar o cotidiano de forma viva e autêntica. Ele analisa minuciosamente a maneira como os personagens são desenvolvidos e os cenários são descritos, buscando revelar a complexidade da vida humana através de gestos, expressões faciais e diálogos.

Além disso, o autor contextualiza as obras dentro de seus períodos históricos e sociais, demonstrando como o realismo reflete as preocupações e os valores de uma determinada época. Dessa forma, ele proporciona uma análise abrangente e profunda sobre a natureza e a

função do realismo na literatura, mostrando como ele pode interagir de forma poderosa e persuasiva com o sublime e o vulgar.

Auerbach (2013) também ressalta o impacto do realismo na construção da identidade cultural de um povo, evidenciando como a literatura pode revelar as contradições e os conflitos presentes na sociedade. Ao analisar a forma como os escritores representam a vida comum e as experiências do dia a dia, o autor nos convida a refletir sobre a capacidade da literatura de nos conectar com a realidade e de nos fazer questionar as normas e as convenções sociais. Em suma, a obra de Auerbach (2013) nos mostra como o realismo na literatura vai muito além de uma simples reprodução do mundo, sendo capaz de nos proporcionar uma visão mais profunda e complexa da humanidade e da sociedade.

Auerbach (2013) aborda a mimesis como a essência do texto literário, destacando a natureza ímpar da literatura em relação à imitação da realidade. Para o autor, mimetizar não se resume a simplesmente copiar a realidade, sendo que somente a fotografia se aproxima dessa cópia fiel. A noção de mimesis é vista como uma imitação criadora, que estabelece algo novo, uma recriação que gera uma nova realidade.

No contexto de Aristóteles, a mimesis é conceituada como a representação da realidade tal como poderia ser, com as obras literárias imitando a realidade de forma a proporcionar o reconhecimento do mundo material. Por outro lado, para Platão, a mimese vem do mundo das ideias, distorcendo as ideias universais e perfeitas, gerando uma fantasia quando o poeta produz sua mimesis.

Diante desse cenário, Auerbach (2013) argumenta que a representação da realidade na literatura é essencial para a compreensão da sociedade e da história, defendendo que a obra literária deve espelhar a realidade e simular o real. Nesse sentido, é interessante relacionar a mimese com a obra de Lima Barreto (1881-1922), em sua produção literária, reflete essa busca pela imitação e representação da realidade, proporcionando uma análise crítica e reflexiva sobre a sociedade e a história em que estava inserido.

Assim, através da mimese em sua obra, Lima Barreto (1881-1922) conseguia retratar de forma verossímil os problemas e contradições da sociedade brasileira do início do século XX, abordando questões como racismo, preconceito, desigualdade social e marginalização. Sua escrita realista e crítica refletia não somente a realidade material, mas também as ideias e valores enraizados na sociedade da época.

Dessa forma, é possível perceber que a mimese na literatura não se limita a uma simples imitação da realidade, mas sim a uma reconstrução criativa que busca revelar as complexidades e nuances do ser humano e da sociedade. A obra de Lima Barreto (1881-1922)

é um exemplo claro de como a mimesis pode ser utilizada como uma ferramenta poderosa para refletir e questionar a realidade, contribuindo para uma compreensão mais profunda e crítica do mundo em que vivemos.

Além disso, ao estudar a mimese na literatura, Auerbach (2013) nos leva a refletir sobre a relação entre a obra literária e a sociedade em que ela está inserida. A representação da realidade através da mimese permite que os leitores se identifiquem com as situações apresentadas, possibilitando uma reflexão sobre questões sociais, políticas e culturais do contexto histórico em que a obra foi produzida.

Nesse sentido, a mimese na literatura não apenas retrata a realidade, mas também a interpreta e a crítica, fornecendo insights e questionamentos que podem desafiar as convenções e valores estabelecidos. A capacidade da mimesis de revelar as contradições e complexidades da sociedade torna a literatura uma poderosa ferramenta de reflexão e transformação.

Portanto, ao analisar a mimese na literatura sob a perspectiva de Auerbach (2013), podemos compreender como a representação da realidade não se limita a uma reprodução fiel, mas sim a uma criação artística que busca capturar a essência do ser humano e da sociedade. Através da mimese, os escritores conseguem construir narrativas ricas e envolventes que nos convidam a repensar o mundo ao nosso redor e a enxergar além das aparências superficiais.

O pensamento de Auerbach (2013) ressalta a importância da relação entre a experiência do mundo e a obra literária. Para ele, a arte é o entrelaçamento de uma forma específica, um público e uma mentalidade particular, refletindo o momento histórico e social em que é produzida.

O autor também discute a influência dos contextos sociopolíticos e culturais nas obras literárias, abordando a relação entre a literatura e a sociedade ao longo da história. Ele analisa as diferenças entre as tradições literárias do Oriente e do Ocidente, destacando como essas influências culturais moldaram a concepção de realismo na literatura. Ele demonstra como as mudanças nas perspectivas e valores sociais ao longo dos séculos refletiram nas representações da realidade na literatura.

No decorrer deste capítulo, pudemos perceber a relevância das teorias de autores como Antonio Candido (1980), Darcy Ribeiro (1995), Erich Auerbach (2013), Serge Moscovici (1978) e Stuart Hall (2016) para a análise das representações sociais na literatura de Lima Barreto (1881-1922). As obras e teorias apresentadas, ao abordarem questões de representação social, proporcionam um contexto enriquecedor para compreender as desigualdades sociais presentes no romance *Recordações do escrivo Isaiás caminha* (2013).

Antonio Candido (1980), ao enfatizar a literatura como reflexo da sociedade, e Darcy Ribeiro (1995), com sua análise crítica das estruturas sociais no Brasil, ajudam a elucidar como Lima Barreto (1881-1922) retrata as tensões entre classe, raça e identidade. Erich Auerbach (2013), propondo uma leitura profunda dos textos literários em seus contextos sociais, e Serge Moscovici (1978), com suas reflexões sobre representações sociais, ampliam a compreensão das dinâmicas intersubjetivas que permeiam a obra do autor. Por fim, Stuart Hall (2016), ao discutir identidade e representação, lança luz sobre a forma como Lima Barreto articula a sua crítica social por meio da construção de personagens e narrativas que evidenciam as desigualdades da época. Dessa forma, os assuntos tratados por esses autores se aproximam do tema de estudo ao fornecerem ferramentas analíticas que permitem uma interpretação mais profunda das múltiplas camadas de desigualdade exploradas na obra de Lima Barreto.

A partir do diálogo entre essas perspectivas teóricas e a obra do autor, será possível analisar os elementos textuais do romance que representam o real e as questões sociais e políticas abordadas por Lima Barreto (1881-1922) que ainda ressoam nos dias atuais. Portanto, ao relacionar as reflexões desses estudiosos ao contexto contemporâneo, será possível ampliar nossa compreensão sobre a relevância da literatura de Lima Barreto (1881-1922) e suas contribuições para a reflexão social em nosso tempo.

Após explorar as contribuições teóricas fundamentais que embasam a análise das representações sociais na obra de Lima Barreto, cabe delinear o percurso metodológico que guiará a investigação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, será analisada a representação da desigualdade social e estrutural no romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881-1922), e em que medida esses dilemas ainda persistem na contemporaneidade. Será verificada a perspectiva do autor em relação às desigualdades sociais denunciadas em sua obra, bem como a existência das situações atuais de exclusão dos sujeitos sociais abordadas no romance, considerando a relação da obra com o tempo da escrita. Além disso, será interpretada a visão de Lima Barreto sobre a educação como um mecanismo de autonomia para os sujeitos das classes menos favorecidas.

Os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este estudo incluem a análise da estetização do real no romance de Lima Barreto, focando na desigualdade social estrutural no Brasil em desenvolvimento e na permanência dos dilemas abordados pelo escritor na contemporaneidade. Por meio de uma pesquisa comparada, a análise explorará a relação entre a obra literária e as questões sociais, buscando compreender a relevância e a atualidade dos temas abordados por Lima Barreto (1881 - 1922) em *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, (2013).

Neste estudo, a metodologia pela qual a investigação se conduz é de caráter Exploratória quanto a seu Objetivo, pois, “visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127); Quanto aos procedimentos técnicos empregados, é de cunho bibliográfico e documental, utilizando tanto materiais já publicados quanto aqueles que ainda não foram analisados (Gil, 2008). É Qualitativa quanto a sua Abordagem, tendo em vista que, “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 128).

A análise das questões sociais representadas na obra de Lima Barreto (1881 - 1922) e sua relação com o real será feita por meio de duas categorias pré-estabelecidas, quais sejam: 1) desigualdades sociais e 2) educação. Por meio delas, a verificação da relação texto-contexto abrangerá tanto o período histórico da escrita do romance quanto a contemporaneidade.

O desenvolvimento desta pesquisa contempla, inicialmente, a leitura atenta da obra literária que forma o corpus do estudo proposto. Em seguida, para embasamento da análise da

obra, recorre-se às teorias que darão suporte ao estudo, as quais referem-se à representação do real e à relação do texto ficcional com o contexto social.

A análise do romance destacará a representação do real, com foco nas desigualdades sociais e na importância da educação, visando identificar semelhanças e diferenças entre a obra de Lima Barreto (1881 - 1922) e a sociedade. Com base nos resultados, a pesquisa pretende contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre as questões sociais abordadas pelo autor e sua relevância para a compreensão da realidade brasileira, além de apontar possíveis caminhos para a construção de uma sociedade mais igualitária.

A pesquisa, ao adotar o percurso metodológico descrito acima, aborda a obra de Lima Barreto (1881 - 1922) na sua relação com a realidade e formula questões para um debate crítico sobre as dificuldades sociais no Brasil. A metodologia observacional permite uma análise aprofundada e contextualizada da obra literária, captando os detalhes e nuances que influenciam a compreensão do texto, além de registrar as interações sociais e as dinâmicas culturais que permeiam a literatura, oferecendo uma visão rica do autor e de seu contexto histórico. A abordagem representativa assegura que as vozes e experiências de diversos grupos sociais sejam consideradas, escolhendo cuidadosamente personagens que reflitam a diversidade da sociedade brasileira, o que propicia uma escuta atenta das várias camadas sociais abordadas por Lima Barreto (1881 - 1922). Por sua vez, a perspectiva qualitativa busca compreender significados e interpretações subjacentes à narrativa, focando nas experiências subjetivas, dilemas existenciais e injustiças que permeiam tanto o romance quanto a realidade.

Nessa perspectiva, é adotada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2016), que consiste num conjunto de ferramentas metodológicas que podem ser utilizadas para examinar discursos com alta diversidade. Bardin (2016) enumera critérios para a organização da análise, como a pré-análise, que envolve a seleção do material de pesquisa, a formulação de hipóteses e indicadores para orientar a interpretação. Os documentos são escolhidos, hipóteses são formuladas e indicadores são desenvolvidos para orientar a interpretação final com base em critérios como exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade; a exploração do material ocorre com a codificação dos dados, os quais são transformados de forma sistemática e agrupados em unidades.

Em resumo, o processo em questão envolve a análise de documentos ou dados de forma organizada e estruturada, em que os documentos são selecionados com base em critérios definidos, hipóteses são formuladas para orientar a interpretação dos dados e

indicadores são desenvolvidos para facilitar essa análise. A exploração do material ocorre por meio da codificação dos dados, atribuindo códigos ou categorias específicas a trechos do documento, que são posteriormente agrupados em unidades ou categorias mais amplas, simplificando a interpretação dos resultados. Para ilustrar esse processo, apresentamos o quadro abaixo, o qual estrutura as etapas.

Etapas da Análise	Descrição da Etapa	Relação com a Teoria de Bardin
Coleta de Dados	A primeira etapa consiste em realizar a leitura da obra, anotando impressões gerais, temas e questionamentos iniciais. Esta leitura permite ao pesquisador captar a essência da narrativa, identificar tópicos relevantes e formular hipóteses.	Durante essa fase, é crucial que o pesquisador permita que o texto "fale por si mesmo", sem preconceitos ou interpretações precipitadas. Isso se alinha ao princípio da análise de conteúdo, em que as categorias de análise começam a emergir a partir da própria obra, possibilitando uma compreensão mais profunda do material antes de avançar para uma leitura mais sistemática e categorizada.
Criação dos Tópicos de Análise	A análise da obra de Lima Barreto será conduzida por meio dos elementos que abordam a desigualdade social e o poder transformador da educação.	A criação de tópicos de análise está relacionada à etapa de "análise temática" proposta por Bardin, na qual o <i>corpus</i> é dividido em categorias temáticas para facilitar a compreensão das nuances presentes na obra de Lima Barreto. Nesse contexto, as categorias são: desigualdade social e educação.
Interpretação dos resultados	Esta etapa envolve a análise das categorias criadas - desigualdade social e educação - e a interpretação	A teoria de Bardin defende que é na interpretação que se revela o sentido dos dados, conectando às hipóteses iniciais.

Etapas da Análise	Descrição da Etapa	Relação com a Teoria de Bardin
	dos dados à luz das teorias, construindo conhecimento sobre o <i>corpus</i> de pesquisa.	

No começo da análise proposta por Laurence Bardin (2016), o material será explorado. Os dados serão organizados em partes que podem ser temas, frases ou palavras importantes para a abordagem das categorias. Em seguida, os resultados serão analisados, utilizando técnicas como categorização, interpretação e digitalização das informações, permitindo um entendimento mais completo. Este estudo se concentra na vida e na obra de Lima Barreto (1881-1922) e no seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2013), examinando as influências sociais em sua escrita e o papel da educação na busca por dignidade. Em especial, será destacado a representação das desigualdades sociais e como a educação foi importante para o autor, evidenciando como a falta de acesso a uma boa educação afetou a vida das personagens que ele descreve. Além disso, serão discutidas as reflexões dele sobre a importância do ser humano e seu lugar na sociedade, ressaltando a educação como um aspecto chave para a mudança e superação de dificuldades.

Dessa forma, a vida e obra de Lima Barreto (1881-1922) serão exploradas sob a perspectiva da educação como um elemento fundamental para a emancipação social e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Através da análise de suas representações do real, será possível compreender como o autor refletia sobre as desigualdades sociais de sua época e como suas reflexões ainda reverberam nos dias atuais.

No romance em estudo, o autor mostra um menino de uma localidade humilde, vindo de família menos favorecida, tentando seu lugar na sociedade por meio da educação. Assim, por meio da trajetória do personagem, é possível aprofundar a reflexão sobre a realidade atual retratada através da personagem Isaías, a qual sai em busca de uma posição na sociedade, ou seja, de um status social, acreditando que, ao conseguir formar-se “doutor”, terá seu reconhecimento, como expressa nesta passagem da narrativa de Lima Barreto (2013, p. 23).

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímido de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que estorciam no meu cérebro. O flanco que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polimórficos...”

Ao final, espera-se que esta pesquisa apresente resultados referentes à representação do real no romance, com ênfase na compreensão de como os elementos textuais refletiram e moldaram questões sociais. Ao realizar a análise, promove-se a valorização e o reconhecimento da educação como ferramenta essencial para a promoção da dignidade humana, além de estimular a busca por um mundo mais inclusivo, igualitário e justo. A análise do trabalho pedagógico em ambas as realidades destacou, para mim, a importância do conhecimento como um instrumento para superar as adversidades enfrentadas pelos alunos menos favorecidos.

4 CONTRIBUIÇÕES À BIOGRAFIA TEÓRICO-CRÍTICA DE LIMA BARRETO

Lima Barreto (1881-1922) foi um importante escritor brasileiro do início do século XX, conhecido por sua obra crítica e por abordar temas como o racismo, a desigualdade social e a hipocrisia da sociedade da época. Sua discussão literária era marcada por um olhar atento e perspicaz sobre a realidade brasileira, tornando-se uma voz relevante e incisiva em sua época. Os livros *A vida de Lima Barreto*, de Francisco Assis Barbosa (1952), que narra aspectos da vida do escritor e tece alguns comentários críticos sobre sua obra, e *Lima Barreto: Triste visionário*, de Lilia Moritz Schwarcz (2017), que apresenta uma pesquisa de cunho histórico e antropológico sobre o autor, constituem a base utilizada para a elaboração da biografia do escritor neste capítulo.

4.1 ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS DE LIMA BARRETO

A obra de Lima Barreto (1881-1922) se torna essencial para compreender não apenas a literatura brasileira, mas também a própria história e sociedade do país. Nesse sentido, a abordagem de Lilia Moritz Schwarcz (2017) em seu livro *Lima Barreto: Triste visionário* traz uma nova perspectiva e enriquece ainda mais o estudo sobre o escritor.

Schwarcz (2017), uma historiadora e antropóloga renomada, se dedica a analisar a vida e a obra de Lima Barreto (1881-1922) sob uma nova luz, contribuindo para uma melhor compreensão do legado deixado por ele. Explorando tanto a sua obra literária quanto sua vida pessoal, Schwarcz (2017) destaca a importância de Barreto (1881-1922) para a literatura brasileira e para a compreensão da história do país, valorizando e resgatando a figura desse escritor visionário. Sua interdisciplinaridade e compromisso com a divulgação do conhecimento elevam a relevância de suas contribuições para o campo da história e da cultura brasileira.

Schwarcz (2017), em suas pesquisas sobre a literatura brasileira e as questões raciais, enfatiza a importância de autores como Lima Barreto (1881-1922) na elaboração de uma narrativa crítica sobre a sociedade. Ela destaca que a literatura é uma ferramenta fundamental para a reflexão e o questionamento das estruturas de poder e exclusão presentes em nossa

sociedade. A obra de Lima Barreto (1881-1922), ao abordar temas como o racismo e as desigualdades sociais, contribui para a desmistificação dessas questões e para a promoção de um debate mais amplo e inclusivo sobre a realidade brasileira.

Além disso, a obra de Lima Barreto (1881-1922) continua a suscitar reflexões e debates sobre questões atuais, como o racismo estrutural, a desigualdade social e a injustiça no sistema judiciário. A relevância de seu trabalho se mantém viva e atual, mostrando que as críticas e denúncias feitas pelo escritor há mais de um século ainda têm grande impacto nos dias de hoje.

Portanto, a combinação entre a obra de Lima Barreto (1881-1922) e a pesquisa de Schwarcz (2017) se revela fundamental para uma compreensão mais ampla e aprofundada não apenas do escritor, mas também da sociedade brasileira como um todo. A contribuição do autor para a cultura e a história do Brasil é indiscutível, e seu legado é essencial para que possamos refletir e agir em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Barbosa (1952), professor e pesquisador responsável pelo estudo de Lima Barreto (1952), procura analisar a obra do autor de maneira crítica e sociológica, investigando como suas narrativas refletem e criticam as questões sociais e políticas do Brasil naquela época. Seu trabalho é embasado em teorias literárias e sociológicas, buscando contextualizar a produção literária de Lima Barreto (1881-1922) dentro do contexto histórico e social em que o autor estava inserido.

Barbosa (1952) destaca a importância da obra de Lima Barreto (1881-1922) para a compreensão da sociedade brasileira do século XX, evidenciando como o autor abordou questões como racismo, desigualdade social, política e educação de forma crítica e sensível. Sua pesquisa visa ampliar a discussão sobre o papel da literatura na construção de representações sociais e na promoção de mudanças sociais.

O estudo de Barbosa (1952) é fundamental para uma análise aprofundada e bem fundamentada, que amplia a compreensão da importância e do impacto de Lima Barreto (1881-1922) na literatura e na sociedade brasileira e proporciona uma nova perspectiva sobre o autor, destacando aspectos diferentes e ressaltando a atualidade de seus temas. Sua pesquisa e reflexão adicionam profundidade e complexidade, sendo essenciais para o estudo e apreciação do escritor brasileiro.

As contribuições de Barbosa (1952) valorizam a obra de Lima Barreto (1881-1922), ressaltando sua relevância para a reflexão e questionamento das estruturas de poder e exclusão presentes na sociedade brasileira. Além disso, sua pesquisa incentiva a discussão sobre a importância da literatura como agente de transformação e inclusão social, demonstrando o

potencial da narrativa literária para conscientizar e mobilizar a sociedade em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, a união entre as análises de Barbosa (1952), Schwarcz (2017) e a produção literária de Lima Barreto (1881-1922) nos conduz a uma compreensão mais profunda e ampla não apenas da literatura brasileira, mas também das questões sociais e históricas que permeiam nossa realidade. A atuação desses estudiosos nos convida a refletir, questionar e agir, mantendo viva a chama da crítica e da denúncia presentes na escrita de Lima Barreto (1881-1922) e reafirmando a importância de seu legado para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4.2 VIDA PESSOAL E TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) nasceu em 13 de maio de 1881, em uma sexta-feira, no Rio de Janeiro. Seus pais, João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto, eram pais de cinco filhos: Afonso, Carlos, Pedro, Raimundo e Jorge. Amália era professora primária e foi a primeira a ensinar o alfabeto a Lima Barreto (1881-1922). Ela e João Henriques abriram o Colégio Santa Rosa em Laranjeiras, mas tiveram que fechá-lo devido à doença de Amália. Com a morte da mãe, Lima Barreto (1881-1922) foi criado principalmente por suas tias, que o incentivaram a estudar. Desde cedo ele demonstrou interesse pela literatura e aos 17 anos escreveu seu primeiro livro, *Uma Lágrima de Mulher*. Devido a dificuldades financeiras, precisou trabalhar como funcionário público para ajudar a sustentar a família (Schwarcz, 2017).

Lima Barreto (1881-1922) tinha uma visão crítica em relação à educação no Brasil. Em sua obra, a questão da educação era frequentemente abordada, já que a mesma era um eixo orientador da sua casa, por meio de seus pais. Os negros e africanos não tinham autorização para frequentar à escola. Barreto (1881-1922) questionava a exclusão desses grupos da educação formal, evidenciando as desigualdades raciais e sociais presentes no sistema educacional da época. Sua escrita servia como um meio de denúncia e reflexão sobre as injustiças e preconceitos presentes na sociedade da época, buscando promover uma educação mais inclusiva e igualitária para todos os brasileiros.

No período que corresponde a época de Lima Barreto (1881-1922), o Brasil passava por uma série de transformações, como a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da

República em 1889, mas a grande maioria da população ainda vivia em condições precárias, com altos níveis de pobreza, analfabetismo e falta de acesso a serviços básicos.

Lima Barreto (1881-1922) enfrentou discriminação racial e social ao longo de sua carreira literária, mas tornou-se um dos principais escritores brasileiros, abordando questões sociais, políticas e raciais em suas obras. Sofreu com problemas de saúde, alcoolismo e depressão ao longo de sua vida, vindo a falecer em 1 de novembro de 1922, aos 41 anos. Sua obra é essencial para a literatura brasileira, representando a luta por igualdade e justiça social.

Mestiço, morador da periferia e funcionário público, Lima Barreto (1881-1922) lutou contra o preconceito racial e social, influenciando sua produção literária. Sua obra reflete as injustiças e desigualdades da sociedade brasileira da época, abordando temas como racismo, corrupção e as dificuldades da população marginalizada. Utilizando a literatura como forma de expressão, Lima Barreto (1881-1922) atacava em suas crônicas o que não gostava, refletindo a realidade em que vivia e buscando a transformação da sociedade.

A expressão "literatura em trânsito" de Lima Barreto (1881-1922) era uma forma de denunciar injustiças sociais e políticas, abordando temas como desigualdade social, racismo e corrupção. Sua escrita provocativa estimulava reflexões sobre a realidade do país. Um crítico nato, Lima Barreto (1881-1922) era um defensor do acesso à leitura para todos, rejeitando ideias de purismo linguístico e defendendo uma linguagem acessível a todos os públicos. Sua obra, marcada pela crítica social e pela busca por igualdade, o coloca como uma figura importante na literatura brasileira (Schwarcz, 2017).

Lilia Moritz Schwarcz (2017) destaca que Lima Barreto (1881-1922) é amplamente reconhecido por suas obras que expõem as desigualdades e injustiças que permeiam a sociedade brasileira, sendo sua temática tão atual que suas críticas ecoam até os dias de hoje. A relevância de suas obras reside na habilidade de abordar problemas que, mesmo após mais de um século, ainda afetam o Brasil contemporâneo.

Segundo Schwarcz (2017), Lima Barreto (1881-1922) se insere no contexto do pré-modernismo, um movimento literário que precedeu o modernismo no Brasil. Sua produção literária é marcada por características singulares, que conferem à sua obra um caráter transcendental e atemporal, permitindo que suas mensagens sejam compreendidas em diversas épocas.

Além de seu valor literário, como enfatiza Schwarcz (2017), Barreto (1881-1922) é conhecido por sua personalidade combativa e seu envolvimento em polêmicas. Desde seus anos mais jovens, ele demonstrou um espírito crítico e desafiador, posicionando-se como um dos principais opositores do regime republicano vigente no Brasil em sua época.

A postura política e social de Lima Barreto, conforme abordado por Schwarcz (2017), revela-se de maneira clara em sua escrita, onde ele frequentemente discute temas como desigualdade, racismo e corrupção. Barreto não hesitava em expressar suas opiniões e enfrentar as autoridades em prol de suas convicções, uma atitude que lhe rendeu tanto admiradores quanto inimigos.

Apesar dos desafios de seu tempo, marcado por intensos desacordos políticos, Lima Barreto permaneceu fiel aos seus ideais, continuando a instigar debates e reflexões até seu último dia. A coragem e determinação que demonstrou ao contestar o poder estabelecido o consagram não apenas como um grande escritor, mas também como um exemplar de cidadania e resistência, conforme pontuado por Schwarcz (2017).

Um dos traços mais marcantes da obra de Lima Barreto (1881-1922), conforme exposto por Lilia Moritz Schwarcz (2017), é sua habilidade em expor as contradições da sociedade brasileira de seu tempo. Em sua produção literária, ele aborda questões como injustiça social, preconceito racial, desigualdade de gênero e os desafios enfrentados pela população marginalizada. Essas temáticas são apresentadas de maneira realista e crua, sem recorrer a idealizações ou romantizações.

Ademais, a linguagem utilizada por Lima Barreto (1881-1922) em suas obras, conforme argumenta Schwarcz (2017), é caracterizada pela proximidade com o leitor, aliada a uma simplicidade e clareza que tornam suas denúncias ainda mais impactantes. O autor adota um estilo direto, buscando estabelecer uma comunicação incisiva com seu público. Suas narrativas se revelam acessíveis e cativantes, facilitando a identificação dos leitores com as histórias e personagens que cria. Essa acessibilidade propicia uma imersão profunda nas questões sociais abordadas, estimulando uma reflexão sobre o papel de cada um na luta por uma sociedade mais justa.

Dessa maneira, segundo Lilia Moritz Schwarcz (2017), a obra de Lima Barreto (1881-1922) destaca-se não apenas por sua qualidade literária, mas também por sua relevância social e política. O autor conseguiu captar a essência de sua época e refletir sobre questões universais que permanecem pertinentes até os dias atuais. Suas obras são um testemunho vívido do Brasil no início do século XX e oferecem uma reflexão profunda sobre as complexidades da sociedade brasileira.

No conto "O homem que sabia javanês", Lima Barreto (1881-1922) inscreveu a célebre frase: "Eu vivo na cidade e a cidade vive em mim". Nessa obra, conforme menciona Schwarcz, o autor investiga a relação entre o indivíduo e o ambiente urbano, enfatizando a

influência recíproca entre a cidade e seus moradores. A frase ressalta a profundidade dessa interconexão, sugerindo que a cidade está intrinsecamente entrelaçada à identidade e à vivência do narrador.

Além disso, Lilia Moritz Schwarcz (2017) destaca que Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor que se destacou por sua postura polêmica e engajada em suas ideias. Ele se opunha ao serviço militar obrigatório, criticava o futebol por associá-lo aos ingleses e expressava aversão aos escritores Coelho Neto e João do Rio. Coelho Neto era um autor conhecido por suas obras românticas e nacionalistas, enquanto João do Rio se destacou como jornalista e cronista que retratava a vida urbana do Rio de Janeiro em suas crônicas.

Lima Barreto (1881-1922), por meio de sua postura crítica em relação a diversos aspectos da sociedade e da cultura de sua época, realizou uma crítica marcante ao consagrado escritor Machado de Assis (1839-1908). Lima Barreto (1881-1922) questionava a postura elitista e conservadora de Machado de Assis (1839-1908), que muitas vezes retratava a sociedade brasileira de forma idealizada e distante da realidade vivida pela maioria da população. Para Lima Barreto (1881-1922), a literatura deveria ter um papel mais ativo na denúncia das injustiças e desigualdades da sociedade, ao invés de apresentar uma visão distorcida da realidade. Suas críticas a Machado de Assis (1839-1908) refletiam não apenas suas discordâncias estilísticas, mas também sua visão engajada e combativa em relação às questões sociais e políticas de seu tempo.

Apesar de suas opiniões controversas, Lima Barreto (1881-1922) abordava em seus escritos a questão da violência contra as mulheres, sendo totalmente contra este tipo de comportamento. Ele criticava o feminismo elitizado, que via como uma importação de ideias francesas estilizadas. Além disso, Lima Barreto (1881-1922) desafiava as convenções sociais ao questionar o casamento, afirmando que não tinha relação com o amor e que via a mulher como oprimida dentro dessa instituição.

Esses posicionamentos diferentes fizeram com que Lima Barreto (1881-1922) fosse considerado "insuportável" por algumas pessoas de sua época. No entanto, seu legado literário e suas reflexões sobre questões sociais continuam sendo relevantes até os dias atuais, mostrando a importância de sua obra na crítica e reflexão sobre a sociedade.

As obras de Lima Barreto (1881-1922) continuam a exercer influência significativa na literatura contemporânea, especialmente por abordarem questões sociais que ainda preocupam o dia a dia da sociedade.

A desigualdade social, por exemplo, é um tema recorrente em suas obras e que infelizmente persiste como uma realidade do país. A discriminação racial também é um

assunto que ainda preocupa a sociedade, mostrando a importância de se discutir e combater o racismo.

Além disso, a corrupção e a injustiça, temas recorrentes na produção literária de Lima Barreto (1881-1922), continuam a ser problemas que afetam a sociedade brasileira. Através de suas obras, o autor denunciava essas práticas e criticava os sistemas opressores que privilegiavam apenas uma parcela da população.

Dessa forma, as obras de Lima Barreto (1881-1922) seguem atuais e relevantes, contribuindo para a reflexão e o debate sobre as questões sociais que ainda assolam o país nos dias de hoje. Sua literatura continua a inspirar escritores e leitores a refletir sobre a realidade social brasileira e a buscar formas de transformação e justiça.

Lima Barreto (1881-1922) viveu em uma época marcada pelo preconceito e exclusão social, sendo sua própria família, de origem humilde, alvo dessas injustiças. Isso influenciou sua visão de mundo e sua produção literária, tornando-o um importante escritor brasileiro.

A falta de recursos e o racismo levaram sua família à marginalização, refletindo na vida do escritor desde a infância. A exclusão social foi uma constante em sua vida, moldando sua visão de mundo e suas relações interpessoais.

Mesmo enfrentando adversidades, Lima Barreto (1881-1922) se destacou como um dos grandes escritores brasileiros, utilizando suas experiências de exclusão social como inspiração para suas obras.

É importante destacar que a exclusão social também era causada pela própria família de Lima Barreto (1881-1922). Assim, essa situação acabou por moldar sua visão de mundo e influenciar sua produção literária, tornando-o um dos mais importantes escritores brasileiros. Uma vida marcada pela luta contra a exclusão e pelas injustiças, mas também pela capacidade de transformar a dor em arte.

Em seu livro *Diário Íntimo*, na página 56, Lima Barreto (1881-1922) escreveu sobre a perda de sua mãe, dizendo: "Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, em cedo me vieram o desgosto de viver, o retraimento por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém." Essa frase revela a profunda influência que a perda de sua mãe teve em sua personalidade e visão de mundo.

Em seu trabalho, Schwarcz (2017) aborda a figura do "triste visionário" para ilustrar a ambiguidade presente na persona de Lima Barreto (1881-1922). A ambiguidade se manifesta na dualidade dessas duas palavras, onde o triste mostra um lado melancólico e nostálgico, enquanto o visionário revela um aspecto esperançoso e otimista.

No caso de Lima Barreto (1881-1922), essa ambiguidade é evidente em sua natureza complexa e contraditória. Por um lado, ele carrega consigo um profundo sentimento de tristeza e desencanto com a realidade ao seu redor, mas por outro lado, possui uma visão visionária do mundo, buscando novas possibilidades e horizontes para além do lugar comum. Assim, Schwarcz (2017) nos convida a refletir sobre a natureza humana e a capacidade de oscilar entre sentimentos opostos, sem necessariamente se prender a uma definição única. Lima representa essa dualidade que reside em cada um de nós, mostrando que somos seres complexos e multifacetados, capazes de abraçar tanto a tristeza quanto a visão de um futuro melhor.

Portanto, ao explorar a figura do "triste visionário", a teórica nos desafia a enxergar além das aparências e a compreender a riqueza e a profundidade das contradições humanas, que nos fazem seres singulares e únicos em nossa complexidade.

Assim, a literatura de Lima Barreto (1881-1922) se apresenta como uma ferramenta importante para a reflexão e a crítica da realidade brasileira, evidenciando a importância da educação e da conscientização social como agentes de transformação e promoção da igualdade. Através de suas obras, é possível enxergar as mazelas de uma sociedade em constante transformação, e refletir sobre os caminhos possíveis para uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Schwarcz (2017), a visão dos pais de Lima Barreto (1881-1922) sobre a educação como forma de emancipação foi fundamental em sua trajetória. Para ele, a liberdade era essencial para seu projeto literário, que se relacionava diretamente com a história de escravidão do país. O nascimento de Lima Barreto (1881-1922) em maio, mês das flores e das poesias, em uma sexta-feira 13, pode ser interpretado como uma premonição. A diversidade social do bairro onde ele morava, com famílias abastadas, classe média, operários e cortiços, influenciou sua percepção do mundo ao seu redor. A presença de instituições de ensino, como o Colégio Abílio, também desempenhou um papel importante em sua formação, assim como a atuação de sua mãe no magistério.

Schwarcz (2017) aborda a importância da educação e da alfabetização no contexto social do Brasil no século XIX. Ela destaca o caso de Lima Barreto (1881-1922), cuja mãe era professora e abriu um estabelecimento de ensino em casa, proporcionando-lhe a oportunidade de educação desde cedo. A taxa de analfabetismo no país era alarmante, chegando a 82,3% em 1872, e essa realidade só começou a mudar com a reforma eleitoral de 1882, que proibiu o voto dos analfabetos. A lei Saraiva foi um marco nesse sentido, transformando o

analfabetismo em uma questão política de grande impacto social. Ser alfabetizado passou a ser motivo de orgulho e um caminho para ascender na hierarquia social.

A proibição do voto dos analfabetos foi um marco importante, colocando em pauta a questão do analfabetismo como um problema político, com consequências sociais significativas. A lei Saraiva, ao tornar o analfabetismo um obstáculo para o exercício da cidadania, trouxe à tona a necessidade de investimento na educação como um direito fundamental de todos os cidadãos.

A partir desse momento, ser alfabetizado passou a ser não apenas uma questão de sobrevivência, mas também um motivo de orgulho e um meio de ascender na hierarquia social. A educação tornou-se um instrumento de empoderamento e transformação, possibilitando que indivíduos como Lima (1881-1922) superassem as barreiras impostas pela falta de instrução e alcançassem novos patamares em suas vidas.

Francisco de Assis Barbosa (1952), ao analisar a trajetória de Lima Barreto (1881-1922) e a questão da educação no contexto social brasileiro, salienta a interconexão entre identidade, classe social e literatura. Em sua avaliação da vida e obra de Barreto (1881-1922), Barbosa (1952) busca evidenciar que a educação e a alfabetização não eram apenas meios de emancipação individual, mas também instrumentos de crítica social e reflexão sobre as desigualdades inerentes à sociedade brasileira. Ele argumenta que a formação de Barreto, influenciada pela diversidade de seu ambiente e pela atuação de sua mãe, que era educadora, proporcionou-lhe uma visão crítica das relações de classe e raça no Brasil. Esta perspectiva evidencia a literatura não apenas como um canal de expressão, mas também como uma ferramenta que desafia e denuncia as injustiças sociais. Barbosa (1952) observa que a produção literária de Barreto (1881-1922) reflete suas experiências e observações sobre a marginalização de certos grupos, especialmente afrodescendentes e moradores de cortiços, em um Brasil caracterizado por grandes disparidades.

Barbosa (1952) destaca que a formação de Lima Barreto (1881-1922), forjada pela pluralidade de seu entorno e pela influência materna, confere a ele uma visão crítica das dinâmicas sociais relacionadas à classe e à raça. Ele investiga como a produção literária de Barreto reflete suas vivências e observações sobre a marginalização de determinados grupos, como os afrodescendentes e os habitantes de cortiços, em um Brasil repleto de desigualdades.

Ademais, Barbosa (1952) enfatiza a educação como um direito fundamental e um meio de resistência. Ele debate como a restrição do direito ao voto para analfabetos, conforme menciona Lilia Moritz Schwarcz (2017), perpetua um sistema de exclusão social e como a

obra de Barreto (1952) é interpretada como uma voz de contestação que busca não apenas sua própria emancipação, mas também a de todos aqueles marginalizados pela sociedade.

Assim, a análise de Barbosa (1952) oferece uma visão abrangente da contribuição de Lima Barreto (1881-1922) à literatura, destacando a interconexão entre educação, poder, identidade e a luta pela igualdade social, demonstrando como a literatura espelha as lutas e aspirações de um povo.

A obra de Lima Barreto (1881-1952), portanto, se torna um espaço de articulação entre suas experiências pessoais e as realidades sociais do início do século XX. Barbosa (1952) discute como a produção literária de Barreto (1881-1922), marcada pela crítica à hipocrisia e à desigualdade social, retrata não apenas sua própria vivência, mas também as vozes silenciadas e os conflitos de uma sociedade que busca se definir em meio a transformações. Ele enfatiza que, para Barreto (1881-1922), a literatura é um meio de questionar e dismantelar estruturas de opressão, mostrando que a educação, quando acessível a todos, tem o potencial de gerar mudanças profundas na sociedade.

Por fim, ao unir as reflexões de Schwarcz (2017) e Barbosa (1952), percebemos que o contexto educacional e a luta pela alfabetização em um Brasil marcado por desigualdades não são questões meramente individuais, mas elementos centrais na construção da identidade nacional e nas práticas de resistência à marginalização. A busca por educação de qualidade e a luta por direitos civis se intercalam em um ciclo de empoderamento que se reflete de forma contundente na obra de Lima Barreto (1881-1922) e nas vozes que dela emanam.

Diante disso, a obra de Schwarcz (2017) nos leva a refletir sobre a importância da educação e da alfabetização como fatores cruciais para o desenvolvimento individual e coletivo de uma sociedade, evidenciando como esses aspectos influenciam diretamente a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No Brasil escravocrata em que ele nasceu, as elites mantinham o sentimento de superioridade e a ascensão social muitas vezes significava embranquecer. Lima Barreto (1881-1922), no entanto, não abriu mão de denunciar as injustiças da escravidão e dedicou sua vida à luta pela liberdade e igualdade dos afrodescendentes.

A educação foi fundamental para sua atuação como escritor e intelectual comprometido com a denúncia das mazelas sociais. Seu conhecimento e instrução permitiram que ele se tornasse uma voz ativa na luta pelos direitos dos afro-brasileiros, mostrando como a educação pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social.

Assim, Lima Barreto (1881-1922) é um exemplo de como a educação pode empoderar indivíduos marginalizados e possibilitar a construção de uma sociedade mais justa e

igualitária. Sua vida e obra são um testemunho do poder transformador do conhecimento na luta por direitos e liberdade.

Schwarcz (2017) aborda a importância da educação na sociedade do século XIX, destacando a história de vida de Amália Augusta, mãe de Lima Barreto (1881-1922), que pertencia a uma família afro-brasileira. Amália foi uma das poucas mulheres de sua época a receber uma educação de qualidade, garantindo seu acesso à cidadania e a uma posição social mais elevada. Ela dedicou sua formação ao ensino, demonstrando sua busca por um Brasil livre de escravidão e de preconceitos raciais.

A autora ressalta que, desde a Constituição de 1824, a educação era considerada um direito dos cidadãos, sendo fundamental para o pleno exercício dos direitos políticos. Com a reforma eleitoral de 1882, a alfabetização tornou-se um requisito para o voto, reforçando a importância da instrução primária. No entanto, as escolas públicas sofriam com falta de recursos, resultando em uma educação muitas vezes deficiente.

Conforme Schwarcz (2017), em 1854, ocorreu uma ampliação no acesso à educação com a implementação do Regulamento para a Reforma do Ensino Primário e Secundário no Município da Corte, que permitiu que a população livre e vacinada pudesse frequentar as escolas públicas. Contudo, a matrícula de escravos continuava proibida, o que evidenciava as desigualdades inerentes à sociedade daquele período. Assim, a educação não apenas se configurava como um caminho para a ascensão social, mas também como um meio de assegurar a plena participação dos cidadãos na vida política do país.

De acordo com Schwarcz (2017), a educação no Brasil no final do século XIX era caracterizada por profundas desigualdades e exclusão. O ensino primário, considerado adequado para as classes mais pobres, era predominante, enquanto as opções de ensino secundário e superior estavam restritas a uma pequena parcela da população livre. A educação era encarada como uma potencial solução para a denominada "questão do trabalho", o que levou à introdução de novos projetos educacionais por associações e sociedades privadas, tanto leigas quanto religiosas. Apesar do aumento no número de escolas públicas na corte, a educação continuava inacessível para grande parte dos brasileiros nesse período.

Diante desse cenário de exclusão, a educação de Lima Barreto (1881-1922) se destaca como uma ferramenta de resistência e superação. Mesmo enfrentando obstáculos e preconceitos raciais, ele conseguiu obter uma formação sólida e se tornar um dos grandes escritores brasileiros de sua época. Sua trajetória evidencia a importância da educação na construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde todos tenham acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e social.

Além disso, a obra de Lima Barreto (1881-1922) reflete sua visão crítica sobre o sistema educacional da época, denunciando as desigualdades e injustiças presentes no acesso à educação. Em seus escritos, ele abordou temas como a falta de estrutura das escolas públicas, a discriminação racial no ensino e a importância da valorização dos professores e do conhecimento como instrumento de empoderamento.

Dessa forma, ao aprofundar a educação de Lima Barreto (1881-1922), podemos não apenas entender melhor sua obra e sua trajetória pessoal, mas também refletir sobre a importância da educação como um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. Lima Barreto (1881-1922) é um exemplo de como o conhecimento e a educação podem ser poderosas armas de transformação e resistência contra as injustiças sociais e a opressão, inspirando gerações futuras a lutar por um mundo mais justo e igualitário.

Durante o período em que Lima Barreto viveu, na virada do século XIX para o século XX, a educação no Brasil passava por transformações significativas. Nos anos 1870, o número de escolas públicas na corte aumentou consideravelmente, chegando a dobrar no final da década. Além disso, novos projetos educacionais foram introduzidos por diversas associações e sociedades, tanto leigas quanto religiosas, demonstrando um interesse crescente na questão educacional.

Segundo Schwarcz (2017), o governo imperial desempenhou um papel significativo na construção das primeiras escolas, projetadas para acomodar um maior número de alunos, com dimensões e formatos arquitetônicos mais apropriados. Nesse período, surgiram os chamados "palácios escolares", como a Escola Pública da Glória e as escolas municipais de São Sebastião e São José, que eram capazes de receber centenas de crianças.

É interessante destacar que a educação se tornou uma pauta central na agenda do Império, envolvendo diferentes segmentos da sociedade. Políticos, advogados, médicos, professores e fazendeiros se uniam em associações e sociedades filantrópicas, buscando proteger, assistir, educar e instruir as crianças, evidenciando um movimento em prol da melhoria da educação no país. Como Schwarcz (2017, p.39) destaca.

Escolas foram ficando mais especializadas, também. As primárias, por exemplo, dividiam suas crianças por gêneros; meninos e meninas estudavam em locais e casas separados. Além do mais, o currículo reservado às meninas apresentava restrições no ensino de álgebra, geometria, gramática, história e geografia pátrias. Outro aspecto interessante: se o regulamento de 1854 menciona "meninos pobres", não há referência a "meninas pobres". Ao contrário, para as garotas que frequentavam o ensino primário, a doutrina cristã, a leitura, a escrita e o cálculo mais elementar pareciam suficientes, juntamente com as aulas de bordado e costura. A formação

das meninas visava à vida do lar, doméstica, sendo a pública reservada aos homens. Por isso, os poucos casos que alcançavam o secundário eram geralmente direcionados para o magistério feminino, sobre tudo a partir de 1870.

Dessa forma, o sistema educacional da época também era marcado por desigualdades e exclusões. Meninas e meninos não tinham as mesmas oportunidades e o acesso à educação era restrito a determinadas camadas sociais. Ainda assim, para aqueles que conseguissem romper essas barreiras, a educação representava uma possibilidade de mudança de vida e conquista de espaço na sociedade.

Amália, mesmo sendo filha de escravos, teve a oportunidade de frequentar a escola e adquirir conhecimentos que lhe permitiram abrir portas e lutar por seus direitos. Sua trajetória de superação e busca por um lugar de destaque na sociedade reflete a importância da educação como ferramenta de transformação social.

Lima Barreto (1881-1922) denuncia a desigualdade social, demonstrando sua preocupação com a educação e enfatizando a falta de oportunidades e as barreiras impostas pelos poderes dominantes, que dificultavam a ascensão social de muitos. Segundo Schwarcz (2017), essa crítica reflete uma realidade profundamente enraizada nas estruturas sociais da época, na qual a educação se apresentava não apenas como um meio de ascensão, mas também como um campo de lutas e tensões sociais. Portanto, ao abordar a importância da educação na vida e na obra de Lima Barreto (1881 - 1922), é necessário destacar tanto as possibilidades de inclusão social que ela representava quanto às desigualdades e exclusões presentes no sistema educacional da época. Para o autor, a luta por uma educação de qualidade e igualitária era uma forma de assegurar um futuro mais justo e democrático para todos, ecoando as ideias de Schwarcz (2017), que considera a educação um elemento central na luta por justiça social.

A trajetória de vida de Lima Barreto (1881 - 1922) é inspiradora e se reflete em suas obras literárias. Filho de pais negros e humildes, o escritor enfrentou diversas dificuldades, como o preconceito racial e a falta de oportunidades devido à sua origem social. No entanto, a educação desempenhou um papel fundamental em sua vida, permitindo a expressão de seus ideais e a ajuda aos menos favorecidos. Por meio de seus escritos, Lima Barreto (1881 - 1922) denunciava as injustiças sociais e refletia sobre questões relevantes da época, em consonância com o que Schwarcz (2017) menciona sobre a literatura como um espaço de crítica e resistência.

Nesse contexto, Francisco de Assis Barbosa (1952), em suas reflexões sobre Lima Barreto (1881 - 1922), ressalta a importância da obra do autor diante das desigualdades

sociais e educativas do Brasil no início do século XX. Barbosa (1952) aponta que a literatura de Lima Barreto (1881 - 1922) não só retrata a realidade de sua época, mas também se configura como uma crítica contundente às estruturas sociais que perpetuavam a exclusão e a opressão de grupos marginalizados, em especial os negros e os pobres.

Barbosa (1952) destaca que Lima Barreto (1881 - 1922) utilizou suas próprias vivências para discutir questões como racismo, alienação e a escassez de acesso a uma educação de qualidade. O autor, que superou grandes obstáculos devido às suas origens, defende que a educação é essencial para promover mudanças sociais. Para ele, a luta por uma educação inclusiva e justa é crucial para formar uma sociedade mais igualitária e democrática.

Dentro do universo das obras de Lima Barreto (1881 - 1922), Barbosa aponta que as críticas do autor à sociedade do seu tempo permanecem relevantes nos dias atuais, ressaltando a importância da educação como instrumento de emancipação social. Dessa forma, a análise de Barbosa (1952) evidencia a duradoura importância da obra de Lima Barreto (1881 - 1922) na luta contra injustiças e na promoção de um futuro em que todos tenham acesso às oportunidades oferecidas pela educação.

Assim, a obra de Lima Barreto (1881 - 1922), à luz da visão de Barbosa (1952), transcende a mera reflexão sobre o passado, transformando-se em um apelo à ação e à conscientização sobre a importância da educação na construção de um mundo mais equitativo. Tanto a vida quanto às obras de Lima Barreto (1881 - 1922) reforçam a ideia de que a educação é fundamental para a transformação social, ecoando as vozes que clamam por justiça e inclusão em nossa sociedade.

Dessa forma, a vida e a obra de Lima Barreto (1881 - 1922) destacam a importância da educação como ferramenta de transformação social. Suas críticas à sociedade e suas reflexões sobre a educação permanecem atuais, inspirando gerações futuras na busca por um mundo mais justo e inclusivo. Como observa Schwarcz (2017), a educação deve ser vista não apenas como um direito, mas também como uma questão de equidade social, sendo vital para o enfrentamento das desigualdades que ainda persistem em nossa sociedade.

Sobre a importância da educação na vida da família do escritor, Schwarcz (2017, p. 49) enfatiza que “Os Barretos pareciam representar um bom exemplo de emancipação pela ação cultural e da educação; uma das forças que impulsionam a elevação social e financeira. Todos esses ideais ficariam marcados na obra futura de Lima. A prática cotidiana do ensinar de sua mãe e as iniciativas de seu pai faziam parte das primeiras lembranças do menino que, desde cedo, sonhava com a ideia de que a educação e o trabalho profissional igualam a tudo e a todos.”

Barreto (1881-1922) frequentou o Colégio Dom Pedro II, uma das melhores instituições de ensino da época, onde demonstrou grande talento para a escrita. Porém, teve que enfrentar diversas barreiras para conseguir estudar, já que sua família não tinha condições financeiras para proporcionar uma educação formal de qualidade. Mesmo assim, ele demonstrou grande dedicação aos estudos, buscando aprender por conta própria e frequentando bibliotecas e locais de ensino gratuitos. Essa busca incessante por conhecimento acabou sendo uma das principais fontes de inspiração para sua obra literária, refletindo em sua escrita a sua visão crítica da sociedade brasileira.

Lima Barreto conseguiu se formar em 1902 e passou a trabalhar como funcionário público. No entanto, sua carreira na burocracia não foi bem sucedida e ele enfrentou diversos problemas devido a sua postura crítica e sua defesa dos direitos dos trabalhadores.

Schwarcz (2017) destaca a importância da educação formal na vida de Barreto (1881-1922), mostrando como ele enfrentou o racismo e o preconceito em instituições de ensino que o excluíam e subestimavam suas capacidades intelectuais. Mesmo assim, ele conseguiu superar essas adversidades e se destacar como um dos principais escritores da literatura brasileira. Schwarcz (2017) destaca que a educação foi um elemento fundamental na formação de Barreto (1881-1922), contribuindo não apenas para seu desenvolvimento intelectual, mas também para a sua atuação como ativista social e defensor dos direitos humanos.

Assim, ao analisar a vida e obra de Lima Barreto (1881-1922) sob a ótica da importância da educação, percebemos que a trajetória do escritor foi marcada pela busca incessante por conhecimento e pela luta contra as desigualdades sociais. A educação não só foi fundamental para sua formação intelectual, mas também para sua atuação como ativista social e defensor dos direitos humanos. Por meio de suas obras, Lima Barreto (1881-1922) denunciava as injustiças da sociedade e refletia sobre a importância de uma educação igualitária e de qualidade para todos.

Portanto, as considerações sobre a vida e obra de Lima Barreto são fundamentais para o estudo da representação do real em sua produção literária, focalizando a desigualdade social e a educação em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, (2013). A trajetória do autor exemplifica como a educação pode ser uma ferramenta de transformação social e promoção da igualdade em um contexto onde as disparidades são marcantes. Sua história levanta questões cruciais sobre a necessidade de acesso igualitário à educação de qualidade, que é essencial para o desenvolvimento pleno dos indivíduos e para a consecução de uma sociedade mais justa.

Ao relacionar texto e contexto, é possível entender como Barreto (1881 - 1922) utiliza sua vivência e sua formação para abordar as questões sociais de sua época. Assim, sua literatura não só reflete os desafios enfrentados por muitos na busca de um lugar na sociedade, mas também enfatiza o papel crucial da educação como motor de mudança. Portanto, estudar Lima Barreto (1881 - 1922) é imprescindível para compreender as relações entre educação, desigualdade e transformação social, sendo relevante para que continuemos a lutar por um mundo mais inclusivo e igualitário por meio de uma educação pública de qualidade acessível a todos.

5. A REPRESENTAÇÃO DO REAL EM *RECORDAÇÕES DE ISAÍAS CAMINHA*: DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO

O presente capítulo apresenta a análise do romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881 - 1922), a partir das categorias desigualdade social e educação. A intenção é investigar como as desigualdades sociais são representadas na obra e como essas representações dialogam com o contexto. Além disso, exploraremos a mudança que a educação promove no cotidiano do protagonista, Isaías, e a sua relação com as estruturas sociais que perpetuam suas dificuldades.

5.1 APRESENTAÇÃO DO ROMANCE

Recordações do escrívão Isaías Caminha é o primeiro romance de Lima Barreto (1881-1922). Constitui-se, como ficção, num espaço de exposição inicial dos principais temas sociais e de nação que caracterizam toda a produção do escritor. Com foco narrativo em primeira pessoa, narra a trajetória de Isaías, um jovem mestiço que se torna escrívão em uma sociedade repleta de desigualdades e racismo. Logo, a trajetória do protagonista permite ao leitor refletir sobre problemas estruturais de um contexto social hostil

Um dos principais elementos que se destacam no livro é a crítica contundente à sociedade e à política no Brasil. Barreto (1881-1922), escrevendo nos primeiros anos da República, expõe a hipocrisia das classes privilegiadas e as injustiças que marcam a vida de muitos brasileiros. O protagonista, Isaías, em seu cotidiano, lida com discriminação, corrupção e barreiras que dificultam sua inserção no meio social.

O autor emprega um estilo direto e irônico para discutir temas como identidade, preconceito e a busca pelo reconhecimento social. Sua obra não se limita à narrativa pessoal, mas também oferece uma análise crítica da sociedade brasileira no início do século XX, uma análise que continua relevante nas discussões atuais sobre inclusão e igualdade. A educação surge como um tema central, sendo um instrumento essencial para a emancipação e transformação do indivíduo. Barreto (1881-1922) aponta os obstáculos que limitam o acesso ao conhecimento e à cultura para as classes populares, ressaltando a necessidade de uma

educação crítica que possa romper ciclos de exclusão e favorecer uma verdadeira cidadania. Essa perspectiva expressa seu desejo por um Brasil mais justo e equitativo.

A história de Isaías ilustra essa busca pela educação como um meio de resistência e mudança. Apesar das adversidades, ele reconhece que a educação é uma ponte para libertar-se da opressão e conquistar dignidade. Assim, Lima Barreto (1881-1922) enfatiza a importância do conhecimento na luta por reconhecimento social, evidenciando que a educação é vital para se alcançar uma sociedade mais igualitária.

A infância de Isaías apresenta elementos fundamentais para compreendermos sua jornada pela educação. Desde os primeiros anos de vida, ele é incentivado a estudar e se aprimorar, apesar das limitações financeiras e da discriminação étnica que enfrenta. Os apoios, como professores e amigos, ajudam-no a perceber a educação como um caminho para um futuro promissor.

A visão de mundo de Lima Barreto (1881-1922), nesse sentido, é clara: a educação é um valioso veículo de transformação. Por ela, o escritor expõe um contexto possível de mudança, no qual as condições para mudar incluem, inevitavelmente, o acesso ao conhecimento escolar, independentemente da origem social.

Em síntese, *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013) é uma obra essencial à interpretação do real, haja vista a pertinência da abordagem das questões sociais que caracterizam o Brasil. A história de Isaías provoca uma reflexão crítica sobre a nação que se construiu com legados de desigualdades e injustiças e sobre as possibilidades de lutas. Sua busca por educação e reconhecimento serve de inspiração, mostrando que, mesmo diante das dificuldades, é possível ter esperança num futuro melhor.

5.2 DESIGUALDADE SOCIAL: A LUTA PELA CIDADANIA

Erich Auerbach, em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (2013), discute como a literatura representa e interpreta a realidade social e cultural ao longo da história, enfatizando a complexidade da experiência humana como fundamental para a eficácia da representação literária. Sob essa percepção, o romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013), de Lima de Barreto (1881-1922), constitui-se não apenas como um relato da desigualdade social, mas também como uma reflexão profunda sobre as nuances da vida em uma sociedade marcada por antagonismos raciais e de classe.

O protagonista Isaías, frequentemente marginalizado, serve como um veículo para explorar as complexidades do racismo e da classe social no Brasil do início do século XX. Sua identidade é moldada não apenas por características pessoais, mas também pelo contexto social que o cerca, evidenciando a crítica de Auerbach à simplificação da realidade em categorias unidimensionais. A representação de Isaías ressalta a intersecção entre seu eu individual e as estruturas sociais mais amplas, ilustrando como a cor da pele influencia a construção da identidade social e limita as oportunidades disponíveis. Isso se alinha com as reflexões de Auerbach (2013) sobre a importância de personagens complexos para transmitir a realidade.

O anti-heroísmo de Isaías revela a falência de uma sociedade que, em vez de proporcionar oportunidades, acentua o fracasso do indivíduo. Seus sonhos, carregados de esperança, colidem com a dura realidade da sociedade brasileira, denunciando as promessas quebradas de um futuro melhor. Como uma crônica social, a obra de Lima Barreto (1881-1922) provoca um engajamento crítico, utilizando a literatura para evidenciar injustiças sociais e clamar por mudanças. Além disso, revela como a interseccionalidade entre classe, raça e gênero cria uma teia complexa de opressão. Dessa forma, *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013) não só revela as cicatrizes da desigualdade social, mas também nos leva a refletir sobre a natureza humana e a importância de batalhar por um futuro em que a dignidade e a igualdade sejam vividas por todos.

Ao longo da narrativa, diversas situações vividas pelo protagonista evidenciam o impacto das frustrações pessoais e sua luta contra a passividade, refletindo claramente as consequências da desigualdade social. A passagem abaixo, por exemplo, expressa seu descontentamento de forma contundente:

Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia. (*Recordações do escrivo Isaías Caminha*, 2013, p. 119)

Essa citação ilustra a profunda insatisfação e a reflexão íntima do autor sobre seu percurso de vida. Auerbach (2013) também destaca que a literatura deve dialogar com o contexto histórico e social do autor. Assim, Lima Barreto (1881-1922) utiliza sua narrativa para criticar a opressão sistêmica, a corrupção e a burocracia, que perpetuam a desigualdade social e revelam a ineficácia do Estado em promover justiça. A burocracia, como símbolo do

sistema opressivo, aparece nas interações de Isaías com as autoridades, evidenciando como a corrupção desvia recursos e oportunidades, agravando a desigualdade. Esta crítica, integrada à narrativa, não apenas enriquece a representação da realidade social, mas também levanta questionamentos sobre moralidade e ética, um ponto central na análise de Auerbach (2013).

Invadia-me uma indiferença, uma atonia, que me fazia viver sem me decidir a tentar o menor passo para sair da situação em que me achava. Media as dificuldades, os óbices, os tropeços, achava-os iníquos mas superiores às minhas forças. Abandonara-me a miséria que a proteção de Agostinho Marques impedia que chegasse a ser declarada. Fizeram-me seu professor e secretário; mas era difícil dar-me o ordenado que me tinha marcado. Fazia-lhe requerimentos, cartas de amor, ensinava-lhe o prolegômenos de alguns preparatórios; mas a sua pobreza intelectual e a sua malandragem resistiam particularmente à entrada na sua cabeça da menor noção (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 2013, p. 56)

Ademais, a busca de Isaías por ascensão social representa a luta coletiva de muitos indivíduos que tentam romper as barreiras impostas por uma elite que perpetua um sistema de classes excludente. Ao expor a marginalização de Isaías e as chagas sociais que a sociedade brasileira enfrenta, Barreto (1881-1922) não só retrata a realidade, mas a interroga, revelando as contradições e desafios persistentes na luta por justiça e equidade.

Nos dias de hoje, essa realidade ainda se reflete de forma contundente. A necessidade da existência de cotas em diversas questões no Brasil, por exemplo, é uma tentativa de garantir que pessoas negras tenham oportunidades e possam, finalmente, acessar espaços que lhes foram negados historicamente. Além disso, os programas sociais, que deveriam servir para auxiliar o cidadão a prover sua vida de forma digna e autônoma, muitas vezes acabam por garantir apenas a sobrevivência, tornando o indivíduo refém do sistema. Isso evidencia a importância de um olhar crítico sobre as políticas públicas, que devem ser transformadoras e não apenas paliativas.

Por outro lado, a urgência de romper com o preconceito racial se mostra cada vez mais necessária, a fim de criar uma sociedade justa e respeitosa, na qual a promoção da equidade seja um princípio fundamental. Essas questões contemporâneas remetem à obra de Barreto (1881-1922), que, em sua crítica à sociedade de seu tempo, convida os leitores a refletirem sobre as dinâmicas de poder, opressão e a busca por equidade em um mundo repleto de desafios sociais e raciais. Nesse sentido, ao interpretar *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, (1909) à luz das reflexões de Auerbach (2013), torna-se evidente que Lima Barreto (1881-1922) oferece não apenas um retrato da desigualdade social, mas uma análise matizada da experiência humana em um ambiente social complexo, que se destaca pela interconexão entre as vivências individuais e as estruturas sociais opressivas. Essa obra, portanto, convida o leitor a refletir sobre as dinâmicas de poder, opressão e a busca por equidade, tanto no passado

quanto no presente, em um mundo que ainda enfrenta desafios profundos em relação à justiça social e racial.

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que tinha que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver as humilhações que teria que tragar; e, de novo me veio aquele ódio do bonde quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despende tanta força de vontade, tanta energia com coisas que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro. (*Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, 2013, p. 45)

Dessa forma, Lima Barreto (1881-1922) não se limita a expor apenas as estruturas de opressão; ele também ilumina as vozes silenciadas e as experiências vividas por aqueles que habitam as margens da sociedade. Essa abordagem ressoa com as ideias de Antonio Candido (1980), que enfatiza o papel da literatura como um espelho crítico da realidade social. Através de personagens que enfrentam a humilhação e a luta por dignidade, Barreto (1881-1922) revela não apenas a pervasividade da injustiça, mas também a resiliência do espírito humano. Essa intersecção entre experiência individual e crítica social enriquece a leitura da obra e amplia a compreensão das dinâmicas de poder, reforçando a urgência de se confrontar as desigualdades persistentes em nossa sociedade.

Segundo Candido (1980), a literatura não é apenas um reflexo da sociedade, mas uma ferramenta crítica capaz de promover sua compreensão. Por meio da descrição das frustrações e dilemas do protagonista Isaiás Caminha, Barreto (1881-1922) expõe a hipocrisia e as contradições da sociedade carioca do início do século XX, onde o aparente progresso convive com a dura realidade da exclusão social. O protagonista enfrenta a marginalização imposta pela elite devido à sua origem e condição social, ilustrando a crítica que Candido (1980) propõe sobre a necessidade de compreender a literatura em seu contexto histórico e social. A narrativa é marcada por uma crítica mordaz ao elitismo, à hipocrisia da sociedade e à forma como o sistema perpetua a desigualdade. Isaiás, sendo um escrivo sem prestígio, encarna todos os desafios e as frustrações de um indivíduo que, apesar de seus esforços, permanece marginalizado e impotente diante de uma sociedade que não lhe concede espaço para a ascensão.

A prosa crítica de Lima Barreto (1881-1922) denuncia as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade, convertendo sua obra em um espaço de reflexão sobre injustiças sociais. Os leitores são convidados a confrontar suas próprias ideias acerca de raça, classe e

identidade. Assim, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (2013) ilustra o papel da literatura como meio de crítica às desigualdades sociais e como um chamado à consciência social.

Candido (1980) destaca que a literatura provoca reflexão e engajamento social. A narrativa de Barreto (1881-1922), ao apresentar um protagonista mulato que enfrenta discriminação, evidencia as barreiras impostas por uma sociedade marcada pela exclusão e pelo racismo. Essa crítica está em consonância com a perspectiva candidiana de que a literatura pode contribuir para a luta contra a opressão.

Outro aspecto relevante nas considerações de Candido (1980) é a questão da identidade na literatura. A obra de Barreto (1881-1922) aborda a busca do protagonista por uma identidade em um contexto de exclusão, sugerindo que a literatura é um espaço essencial para a construção e recuperação da identidade cultural. A representação das vozes marginalizadas é, portanto, crucial para entender a diversidade identitária e de experiência humana no Brasil.

Candido (1980) enfatiza que a literatura deve transcender a mera representação da realidade; ela deve estimular a reflexão e a ação social. Nesse contexto, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (2013) se destaca pela força de seu protagonista, Isaiás, que não apenas denuncia as injustiças que enfrenta, mas também desafia os leitores a reconsiderarem suas próprias concepções de raça, classe e identidade. A trajetória de Isaiás convida à introspecção e ao engajamento crítico, catalisando uma discussão necessária sobre a realidade social. Lima Barreto (1881-1922), ao dar voz a Isaiás, insere-se em uma rica tradição de literatura engajada. Segundo Candido (1980), essa tradição vai além da simples representação da sociedade, buscando promover transformações sociais por meio da reflexão crítica. Assim, tanto o escritor quanto seu personagem compartilham a convicção de que a literatura é contestação das estruturas que perpetuam a desigualdade.

Candido (1980) argumenta que a literatura deve ir além da mera representação superficial da realidade, promovendo reflexão e ação social. Nesse contexto, a trajetória de Isaiás se destaca por sua capacidade de gerar introspecção e fomentar uma discussão crítica sobre a realidade social. Ao dar voz ao protagonista, Lima Barreto alinha-se à tradição da literatura engajada, que, segundo Candido (1980), busca provocar transformações sociais. O romance exemplifica essa concepção ao apresentar um personagem que questiona normas sociais e se insere no debate proposto por Stuart Hall (2016), que enxerga a cultura como um campo de disputa por significados e identidades. Ao desafiar as representações estereotipadas da população negra e pobre, Barreto apresenta Isaiás como uma voz autêntica que contraria as

narrativas dominantes, resgatando vozes oprimidas e abordando questões raciais e sociais na cultura brasileira.

Stuart Hall (2016) afirma que a cultura não se limita a um campo artístico, mas se configura como um espaço de disputa por significados e identidades. A representação social é central para compreender como os grupos sociais se percebem e são percebidos pelos outros. A obra de Barreto (1881-1922) questiona precisamente essas representações da população negra e pobre, problematizando o estereótipo do "homem do povo" e apresentando um personagem que possui uma voz própria e autêntica.

No contexto de Hall (2016), podemos notar que a representação de Isaías e de outros personagens na obra desafia as narrativas dominantes da época, que geralmente ignoravam ou distorciam a realidade dos menos favorecidos. Através de sua escrita, Barreto (1881-1922) resgata as vozes daqueles que foram oprimidos, criando um contraponto fértil à maneira como a cultura dominante brasileira via e tratava a questão racial e social. Esse esforço de dar visibilidade aos marginalizados é uma tentativa clara de desconstruir as imagens preconceituosas e estereotipadas que permeavam a sociedade daquele período.

Complementando essa perspectiva, Serge Moscovici (1978) discute como as representações sociais influenciam a percepção e o comportamento coletivo. Essa análise é especialmente pertinente ao examinarmos *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2013), pois a representação social da figura do negro e do pobre é fundamental para compreendermos os desafios enfrentados por Isaías. As experiências e interações vividas por ele ao longo da narrativa não apenas refletem seus conflitos pessoais, mas também revelam as desigualdades arraigadas nas estruturas sociais da época, enfatizando a intersecção entre classe, raça e identidade. Dessa forma, a obra de Barreto se torna uma crítica poderosa às injustiças sociais, ao mesmo tempo em que resgata a história de uma comunidade que lutou arduamente por reconhecimento e dignidade.

A luta de Isaías para ser reconhecido e aceito é um reflexo da luta mais ampla da classe baixa e da população negra em relação às representações que lhes eram atribuídas. A dinâmica de poder e a construção de identidades que Moscovici (1978) analisa são perceptíveis na obra de Barreto (1881-1922), onde as representações sociais servem tanto como uma barreira quanto como um espaço potencial para a emancipação e transformação.

A análise de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881-1922), possui elementos que colocam em diálogo os estudiosos Erich Auerbach (2013), Antonio Candido (1952), Stuart Hall (2016) e Serge Moscovici (1978) sobre a desigualdade social no Brasil do início do século XX.

Auerbach (2013) destaca a complexidade da representação literária, evidenciando como Barreto (1881-1922) utiliza a narrativa de Isaías para expor as intersecções entre classe, raça e identidade, mostrando a opressão ligada à burocracia e ao elitismo. Candido (1980) enfatiza que a literatura deve incentivar a reflexão e o engajamento social, o que se reflete nas frustrações do protagonista. Hall (2016) analisa as representações culturais como disputas por identidade, demonstrando como Isaías desafia estereótipos e resgata a voz dos marginalizados. Moscovici (1978) complementa a análise ao destacar a luta coletiva contra a desigualdade nas experiências de Isaías.

A partir das ideias que compõem os estudos dos pesquisadores mencionados, é possível afirmar que a obra de Barreto não apenas retrata a desigualdade social, mas também provoca uma reflexão crítica que continua relevante, instigando o engajamento na luta por justiça e equidade. Essa intersecção entre literatura e crítica social torna *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013) uma obra atemporal e importante para entender as dinâmicas de poder e resistência na sociedade brasileira.

Ao abordar a desigualdade como uma luta pela cidadania, o autor Lima Barreto (1881-1922) nos oferece um retrato impactante das dificuldades enfrentadas pelo protagonista, Isaías, que se torna símbolo dessa busca em uma sociedade marcada pela disparidade. As experiências de Isaías revelam as múltiplas camadas de discriminação e exclusão que permeiam a sociedade brasileira do início do século XX.

Um dos aspectos mais evidentes na obra é o preconceito racial que Isaías enfrenta. Sendo negro, ele se depara com a discriminação em diversas esferas da vida, o que limita suas oportunidades em comparação a seus colegas brancos. Essa situação provoca sentimentos de insegurança e frustração, refletindo a luta constante de indivíduos que, pela cor da pele, são impedidos de acessar as mesmas possibilidades que os demais.

Além do preconceito racial, a desigualdade econômica também permeia a trajetória de Isaías. Sua busca por um emprego digno e estável ilustra as dificuldades enfrentadas por muitos que pertencem às classes sociais menos favorecidas. Mesmo com esforço e dedicação, ele se dá conta de que suas oportunidades são severamente restringidas pela sua condição social, oferecendo um retrato fiel da realidade de muitos brasileiros daquela época.

O acesso à educação se revela como outro obstáculo significativo na ascensão social de Isaías. Embora tenha algumas oportunidades para estudar, ele percebe que essa educação muitas vezes é insuficiente para garantir sua inclusão e progresso. Esse aspecto da obra destaca como a educação, fundamental para a mobilidade social, é frequentemente condicionada por fatores socioeconômicos que perpetuam ciclos de pobreza e exclusão.

Ademais, Lima Barreto nos mostra que as transformações sociais e políticas nem sempre promovem benefícios para todos os grupos da sociedade. A luta de Isaías para se afirmar em um mundo que resiste à sua inclusão ilustra a descontinuidade das promessas de igualdade e a urgência de um reconhecimento mais profundo das desigualdades que ainda persistem.

5.3 EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL SOB UM OLHAR DE “IMPLICÂNCIA”

A minha energia no estudo não diminuiu com os anos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a simpatizar comigo. De si para si (suspeito eu hoje), ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio. [...] (*Recordações do escrivo Isaías Caminha*, 2013, p. 06)

Essa percepção reflete o entusiasmo e a dedicação que muitas vezes são despertados ao longo da formação acadêmica. No romance em análise, a passagem acima indica a corroboração dessa ideia ao destacar, pela voz de Isaías, a importância do vigor intelectual nas experiências de aprendizado.

Na obra *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (2013), Lima Barreto (1881-1922) oferece uma profunda reflexão sobre o cenário social e histórico do Brasil no início do século XX, um período marcado por significativas transformações e desigualdades acentuadas. A Abolição da Escravatura, ocorrida em 1888, não só contribuiu para a construção de uma nova identidade nacional, mas também deixou um legado de exclusão, especialmente para os afro-brasileiros, que enfrentaram inúmeras barreiras no acesso à educação.

Por meio das experiências vividas pelo protagonista, o texto revela como as desigualdades sociais, raciais e de classe permeavam o sistema educacional do Brasil no início do século XX. A narrativa evidencia que, embora a educação tivesse o potencial de ser uma ferramenta de ascensão social e inclusão, na prática, muitas vezes reproduzia as hierarquias sociais existentes. Barreto não se limita a discutir o papel da educação como agente de transformação social; ele também critica um Estado em formação que falhava em garantir direitos equitativos a todos os cidadãos.

Isaías, um homem negro que anseia por reconhecimento e ascensão social, ilustra como, em vez de promover inclusão, a educação frequentemente se tornava um instrumento de exclusão. Com essa construção literária, Lima Barreto traça um retrato vívido das tensões

raciais e étnicas da época, utilizando a educação como eixo central para abordar a marginalização da população negra no Brasil.

O personagem torna-se um símbolo da luta pela ascensão social, refletindo a complexidade das relações entre educação e *status* na sociedade brasileira do início do século XX. Sua trajetória, marcada por um rígido processo de formação, ilustra as frustrações e contradições de um sistema educacional que, apesar de ser almejado como o caminho para a emancipação, frequentemente perpetuava a burocracia e as desigualdades sociais. Isaías critica abertamente a hipocrisia das instituições educacionais que, em vez de promover a inclusão, mantinham as barreiras da elite.

As reflexões do protagonista sobre a educação não apenas ressaltam a busca por um espaço na sociedade, mas também iluminam as ilusões e os obstáculos enfrentados por um homem negro e pobre em sua luta contra um sistema que preferia preservar seus privilégios. Em última análise, essa narrativa se configura como uma poderosa crítica social e uma ode à resistência e à conscientização, sublinhando a necessidade urgente de transformar a educação em um verdadeiro espaço de inclusão e justiça social.

No meio daquele fervilhar de ambições pequeninas, de intrigas, de hipocrisia, de ignorância de filáucia, todas as coisas majestosas, todas as grandes coisas que eu amara, vinham ficando diminuídas e desmoralizadas. Além do mecanismo jornalístico, que tão de perto eu via funcionar, a política, as letras, as artes, o saber - tudo o que tinha suposto até aí grande e elevado, ficava apoucado e achincalhado. [...] (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 2013, p. 109)

As dificuldades que o personagem enfrenta em relação à educação refletem sua crítica à desigualdade social e à escassez de oportunidades. O trecho abaixo destaca essa realidade ao registrar a expectativa de Isaías em ser alfabetizado, ao afirmar:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. O flanco que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado [...] (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 2013, p. 09).

Neste trecho, Isaías revela a esperança e a transformação que a alfabetização poderia trazer à sua vida, permitindo-lhe conquistar respeito e dignidade, além de poder verbalizar suas ideias e lutar por seus direitos.

Através da narrativa do protagonista, Isaías, que, mesmo estigmatizado pela cor da sua pele, ascende socialmente por meio da educação, Barreto (1881-1922) utiliza a educação como um tema central para criticar as instituições que a promovem, revelando suas limitações e o papel de controle que exercem sobre os indivíduos.

A narrativa de Isaías é marcada por uma busca constante por reconhecimento e valorização, um anseio que deveria ser a essência do sistema educacional. Desde os seus primeiros relatos, fica evidente que, apesar das promessas de igualdade de oportunidades que a educação oferece, a realidade é bem diferente. A formação acadêmica, em teoria, deveria abrir portas, mas na prática, perpetua uma hierarquia social rígida e imutável.

Isaías, por mais que se dedique e se esforce, se vê diante de preconceitos e discriminações que o afastam do status de elite que tanto deseja. Essa experiência revela que a educação, em vez de ser um percurso claro e acessível para a ascensão social, mais parece um labirinto repleto de obstáculos. Assim, a história de Isaías ilustra a frustração de muitos que, apesar de seu empenho, se deparam com um sistema que falha em proporcionar as oportunidades que prometeu, deixando-os à mercê de barreiras sociais que parecem intransponíveis.

Essa reformulação destaca a luta de Isaías para encontrar seu lugar em um mundo que não lhe oferece as condições necessárias para isso, enfatizando a desilusão que muitas pessoas enfrentam dentro de um sistema educacional que deveria promover a inclusão, mas que muitas vezes reproduz desigualdades.

Barreto (1881-1922) critica a superficialidade das instituições educacionais, que muitas vezes promovem ideais que não se concretizam na realidade dos alunos. Os professores, que deveriam ser agentes de transformação, muitas vezes se encontram distantes da realidade de seus alunos, reproduzindo discursos elitistas que favorecem apenas uma parcela privilegiada da sociedade. Nesse contexto, a educação se transforma numa ferramenta de controle social, em vez de libertação. A obra evidencia como o sistema educacional pode ser uma armadilha, em que o conhecimento adquirido não se traduz em oportunidades reais, mas sim em frustrações e conflitos internos.

Ademais, a história ressalta a hipocrisia de uma sociedade que preza pelo diploma, mas não entende a realidade enfrentada por aqueles que não fazem parte do "clube" da elite. A batalha de Isaías por reconhecimento reflete o anseio de muitos que veem na educação uma porta para a transformação social, mas que, assim como ele, se deparam com a cruel realidade do preconceito e da exclusão. O personagem personifica a luta de uma classe obscurantista que, mesmo através do ensino, não logra romper as amarras que a mantém à margem.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto (1881-1922) utiliza a experiência do protagonista para ilustrar como a educação, ao mesmo tempo que é um caminho para a ascensão social, também evidencia as desigualdades e os limites impostos pelo sistema educacional da época.

Um exemplo claro dessa dualidade pode ser encontrado nas reflexões do protagonista sobre sua própria trajetória. Isaías, que busca ascender socialmente por meio da educação, se depara com diversas barreiras e preconceitos que mostram a hipocrisia da sociedade. Ele percebe que a educação formal, que deveria proporcionar igualdade de oportunidades, na verdade, muitas vezes serve para perpetuar as desigualdades sociais.

Além disso, o personagem enfrenta a situação de preconceito racial e social, que se reflete na maneira como é tratado nas instituições de ensino. Apesar de seu esforço e dedicação, ele se vê constantemente subestimado e limitado pela visão estreita da elite intelectual da época, que não reconhece ou valoriza a experiência e o conhecimento de indivíduos de classes menos favorecidas.

Por exemplo, o descrédito em relação aos alunos negros e pobres, que impossibilitam a inclusão e a valorização do potencial desses estudantes, evidencia como a educação pode se tornar um reflexo das disparidades sociais. As dificuldades enfrentadas por Isaías para conseguir um espaço legítimo na sociedade ilustram como o sistema educacional pode ser excludente e perpetuador das desigualdades raciais e sociais.

Assim, Lima Barreto, através da narrativa do escrivão Isaías, revela que a educação, longe de ser uma panaceia, é também um campo de luta onde se confrontam classes sociais, preconceitos e visões de mundo. Essa ambiguidade da educação como meio de ascensão e como espelho das disparidades sociais torna "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" uma obra rica para a análise das estruturas sociais de seu tempo.

A reflexão proposta por Lima Barreto (1881-1922) sobre a educação como um espelho das desigualdades sociais se torna cada vez mais relevante na realidade da educação contemporânea. Nos dias de hoje, enfrentamos a crescente evasão escolar, especialmente entre os jovens que, muitas vezes, se veem obrigados a abandonar a escola para contribuir no sustento da família. Esse fenômeno não é isolado, mas parte de um ciclo vicioso em que as condições socioeconômicas limitam as perspectivas de futuro, perpetuando a escassez de oportunidades para as novas gerações.

Além disso, muitas famílias não têm onde deixar seus filhos menores enquanto trabalham, pois falta a rede de apoio, o que dificulta ainda mais a permanência dos jovens na escola. Isso gera um entorno familiar que não consegue almejar algo melhor, mantendo-se estagnado em condições adversas. Ao buscar acessar o ensino superior, muitos estudantes enfrentam barreiras financeiras significativas, como a dificuldade em arcar com mensalidades, que se intensifica a cada ano.

Outro fator a se considerar é a disparidade entre a educação pública e privada, onde, frequentemente, o mesmo profissional da educação atua em ambas as redes. Essa dualidade gera um comprometimento desigual; a estabilidade que encontra na rede pública pode resultar em uma menor dedicação em comparação à pressão por resultados da rede privada. Além disso, a falta de um trabalho colaborativo e efetivo entre escola e família diminui as chances de um suporte adequado ao aluno, impactando diretamente seu desempenho e sua permanência na instituição.

Outro aspecto relevante é a ausência, muitas vezes, do professor como um pesquisador ativo, alguém que busca constantemente ampliar seu conhecimento de forma autônoma. Investir em sua própria formação e desenvolvimento profissional é crucial para a melhoria da qualidade do ensino. Quando os educadores não têm a motivação ou as oportunidades para se atualizar e investigar novas práticas pedagógicas, isso pode refletir negativamente na qualidade do ensino que oferecem, perpetuando um ciclo de desmotivação tanto para os professores quanto para os alunos.

Ademais, a luta por direitos e melhorias na educação muitas vezes se apresenta como um embate unilateral. Esquece-se que a educação é uma construção coletiva, composta por diversos agentes – alunos, professores e familiares. A defesa dos direitos de um grupo não pode se sobrepor ao direito do outro, e é fundamental que haja uma abordagem integradora que promova a equidade e o respeito mútuo entre todos os envolvidos.

Portanto, a crítica de Lima Barreto (1881-1922) permanece atual ao nos mobilizar para que repensemos a educação não apenas como um meio de ascensão social, mas também como um espaço de inclusão e transformação. É essencial reconhecer que a verdadeira justiça social depende de uma educação capaz de lidar com as desigualdades estruturais, promovendo não apenas o acesso, mas também a permanência e o sucesso de todos os estudantes, independentemente de sua origem.

A educação deve ser um pilar que sustenta a esperança de um futuro melhor, refletindo de forma justa as necessidades e potencialidades de cada indivíduo. No entanto, a experiência de Isaías, que embora tenha ambições nobres e um desejo ardente de se educar, ilustra as dificuldades enfrentadas diante de um sistema que privilegia a elite branca e perpetua estereótipos raciais. A obra revela que a educação, em muitos casos, está atrelada à opressão, pois as instituições educacionais não são neutras, mas sim reflexos das desigualdades raciais existentes. Assim, Isaías luta para afirmar sua identidade em um mundo que o marginaliza, e sua trajetória evidencia a frustrante realidade de que, mesmo os esforços diligentes para se educar podem ser insuficientes diante das barreiras que a sociedade impõe.

Através do caminho de Isaías, Lima Barreto (1881-1922) ressalta a importância de um acesso universal à educação como um direito fundamental e necessário para a construção de uma sociedade mais justa. A sua história evidencia a urgência de repensar o papel da educação: deveria ser uma porta de entrada para todos, independentemente da cor da pele ou do contexto socioeconômico, mas, muitas vezes, ela se transforma em uma muralha que reforça a exclusão.

Na sua narrativa, Lima Barreto (1881-1922) utiliza uma linguagem coloquial que confere autenticidade e aproxima o leitor do cotidiano carioca, dando voz ao protagonista Isaías e aos marginalizados. Como escrivão, Isaías enfrenta as contradições de um Rio de Janeiro em modernização, mas ainda marcado por desigualdades sociais.

O estilo crítico da obra se reflete nas experiências de Isaías, que, apesar de sua formação educacional, sofre discriminação e exclusão. A educação, que deveria promover a ascensão social, frequentemente revela-se ineficaz diante das barreiras raciais e de classe, evidenciando a hipocrisia de um sistema que prega o conhecimento como solução, mas perpetua a marginalização dos pobres.

Assim, Lima Barreto (1881-1922), por meio de sua prosa incisiva, mostra que a educação, embora uma ferramenta potente de transformação, também é um espaço de exclusão. Sua obra se transforma em um manifesto sobre a busca por reconhecimento e a luta contra a opressão, transcendendo a mera narrativa.

A educação, que deveria ser um instrumento de libertação e ascensão, se revela insuficiente diante das barreiras sociais e raciais que o protagonista precisa enfrentar. Isaías se depara com as limitações impostas por um sistema que favorece os favorecidos e marginaliza os menos favorecidos.

O confronto entre os ideais que Isaías havia alimentado e a crua realidade que descortina evidencia como as promessas de um futuro melhor podem se transformar em amarga desilusão. Ele expressa sua frustração ao dizer:

Entretanto, quantas dores, quantas angústias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. Claudicam na ortografia e um menino, o Juiz municipal, acaba de publicar um artigo no Diário de Caximbi sobre sociedade atual em face da Ciência, onde fala em raios hertzianos. Entretanto, seu eu amanhã lhes fosse falar nesse livro - que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora fariam (Recordações do escrivão Isaías Caminha, 2013, p. 42).

Esta citação ilustra a discrepância entre as aspirações do personagem e a falta de um ambiente intelectual que o respalde, revelando a ansiedade e a solidão resultantes desse abismo entre expectativa e realidade.

Assim, através da trajetória de Isaías, Lima Barreto (1881-1922) não apenas critica a concepção romântica da educação como um caminho seguro para o progresso, mas também expõe a fragilidade das esperanças de um homem que luta contra um sistema que parece sempre fazer o movimento oposto ao que ele deseja.

Essa dialética entre desilusão e esperança molda a visão de futuro de Isaías, que, ao final, se vê aprisionado entre o sonho de uma vida melhor e a dura realidade que o rodeia. A narrativa se transforma, portanto, em um poderoso testemunho das limitações do conhecimento em um mundo onde a justiça social ainda é uma utopia distante.

Recordações do escrivo Isaías Caminha (2013), de Lima Barreto (1881-1922), vai além de uma mera narrativa sobre a vida de um protagonista marginalizado; é uma obra que proporciona uma análise profunda do papel da educação na transformação pessoal e social. Essa perspectiva ecoa as ideias de Ribeiro (1995) em *O Povo Brasileiro*, que argumenta que a formação da identidade nacional está intimamente conectada às dinâmicas sociais e educacionais do Brasil.

A trajetória de Isaías reflete um processo gradual de conscientização, no qual a educação emerge como uma ferramenta crucial de empoderamento e crítica às injustiças sociais. Segundo Ribeiro (1995), a educação deve ser um instrumento de emancipação, capaz de romper com as amarras das desigualdades históricas e sociais que permeiam a sociedade brasileira. Assim, o confronto de Isaías com as realidades do preconceito e da desigualdade evidencia que sua formação acadêmica, embora formal, não é suficiente para lidar com as profundas injustiças que ele enfrenta.

Ao explorar as experiências de Isaías, especialmente ao lidar com a hipocrisia da elite e as humilhações da sociedade, ele começa a perceber que a verdadeira sabedoria transcende o conhecimento adquirido em livros. Ribeiro (1995), ao discutir a formação da cultura e identidade brasileira, destaca que o verdadeiro entendimento do mundo deve ser acompanhado de uma crítica ativa e de um compromisso com a luta pela igualdade. A obra de Barreto (1995), neste sentido, ressoa com a ideia de que a educação deve ir além do acúmulo de conhecimento, tornando-se uma experiência integral que fomente a consciência crítica do indivíduo.

Portanto, a transformação pessoal de Isaías está intrinsecamente ligada à sua capacidade de perceber e questionar as injustiças ao seu redor, refletindo a visão de Ribeiro

(1995) de que a educação deve servir não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a promoção de mudanças sociais significativas. Lima Barreto (1881-1922), ao propor essa intersecção entre desenvolvimento pessoal e luta por justiça social, ressalta a urgência de uma educação que amplie vozes e promova a emancipação dos marginalizados. Essa busca, quase um manifesto, ecoa o desejo de um futuro mais justo e igualitário para todos, alinhando-se, assim, à visão de Ribeiro (1995) sobre a formação de um povo brasileiro consciente e ativo na luta por seus direitos.

O personagem Isaías se destaca como um indivíduo em busca de ascensão social e econômica, representando um grito de resistência e uma profunda reflexão sobre os desafios enfrentados em uma sociedade marcada pela desigualdade. Nesse contexto, a educação surge como um tema central, simbolizando tanto uma esperança quanto uma armadilha. Para ele, a educação representa uma saída para a opressão social e racial, como evidenciado na passagem: “O flanco que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...” (Barreto, 2013, p. 09).

Entretanto, Lima Barreto (1881-1922) critica a educação formal, destacando que, quando desconectada das realidades sociais, pode se transformar em um instrumento de alienação. A experiência de Isaías no sistema educacional é repleta de decepções, onde o conhecimento se distancia das vivências cotidianas e das injustiças que permeiam sua vida. Essa crítica evidencia a urgência de um ensino que não apenas informe, mas que também forme cidadãos críticos, aptos a questionar e transformar a sociedade ao seu redor. A obra de Lima Barreto, portanto, convida à reflexão sobre o papel da educação na luta contra a opressão e na busca por um mundo mais justo e igualitário.

Apesar das decepções, Isaías alcançou significativas conquistas por meio de sua educação formal, que moldaram sua trajetória e identidade. Ele se profissionalizou como escrivão, um cargo respeitável para a época, que lhe trouxe dignidade e estabilidade financeira, ressaltando a importância da formação e da leitura em sua vida. Além disso, essa educação garantiu acesso a um mundo intelectual e cultural que, de outra forma, estaria distante, permitindo-lhe explorar questões literárias, sociais e políticas que contribuíram para seu desenvolvimento crítico, conforme esta narração do protagonista:

Aos poucos, me esqueci dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. Tinha já um quarto, cama e um lavatório de ferro, pensão de almoço e jantar; e, ainda, do ordenado, me sobraram sempre alguns mil-réis para comprar, de quando em quando, umas botinas de abotoar ou um chapéu de palha mais catita. Gregoróvith dera-me um terno de roupa em por todo o tempo em que fui contínuo,

conheci vários alfaiates caros por intermédio do corpo dos outros (Recordações do escrivão Isaías Caminha, 2013, p. 67).

Essas palavras evocam a transição de uma vida marcada pela privação para uma realidade de maior conforto, refletindo a importância da educação na superação de adversidades.

A educação formal também despertou em Isaías uma ambição por ascensão social, intensificando, ao mesmo tempo, seu conflito interno sobre identidade e lugar na sociedade. Embora sua formação acadêmica lhe conferisse uma certa legitimidade social, essa aceitação era limitada e não o isentava das discriminações persistentes enfrentadas por sua raça e classe, como expressa nesta passagem:

Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fora só a miséria passada que assim me fizera; fora também a ambiência hostil, a certeza de que um passo para a diante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis. Relembra-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acovardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do O Globo. [...] (Recordações do escrivão Isaías Caminha, 2013, p.68)

Em suma, a educação formal foi para Isaías uma porta de entrada para oportunidades antes inalcançáveis, mas também intensificou seus conflitos internos e sua alienação em uma sociedade que marginaliza aqueles que não se encaixam em seus padrões tradicionais.

Lima Barreto (1881-1922) utiliza a literatura como um poderoso veículo de transformação social, convidando o leitor a refletir sobre suas próprias experiências e a se posicionar frente à sua realidade. Através da narrativa, o autor instiga uma conscientização crítica, propondo que a literatura não seja apenas um reflexo da sociedade, mas uma ferramenta ativa na luta por justiça e igualdade. Assim, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (2013) transcende a história de um homem, tornando-se uma ode à luta coletiva por uma educação que emancipe e um convite à reflexão sobre as estruturas que moldam a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada propôs uma análise das desigualdades sociais e da educação em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2013), de Lima Barreto (1881-1922), à luz dos fundamentos da representação do real, concluindo que esse desafio é significativo para qualquer pesquisador, uma vez que surgem constantemente novas perspectivas e questões a serem exploradas.

A análise aprofundada da obra não apenas nos ofereceu uma reflexão rica sobre as desigualdades sociais que ainda afligem a realidade brasileira contemporânea, mas também ressaltou a importância da educação como um agente transformador fundamental no combate a essas injustiças.

Os estudos revisados, fundamentados nas reflexões de pensadores como Erich Auerbach, Antonio Candido, Stuart Hall, Serge Moscovici e Darcy Ribeiro, oferecem múltiplas lentes críticas para a compreensão da complexa inter-relação entre literatura e sociedade. Auerbach, em sua obra *Mimesis*, destaca a capacidade da literatura de representar realidades profundas, capturando não apenas a superfície, mas as nuances da experiência humana. A trajetória de Isaías Caminha, narrada por Lima Barreto, reflete com maestria essa busca, expondo as tensões e contradições que nos rodeiam. A crítica social implícita na narrativa de Barreto, em diálogo com a proposta de Candido, reafirma que literatura e sociedade estão indissociavelmente conectadas, criando um espaço de resistência e reflexão para as vozes marginalizadas.

Adicionalmente, a análise de Stuart Hall nos convida a reconhecer o papel das representações culturais na construção das identidades sociais. As experiências de Isaías Caminha servem como um convite para desafiar estereótipos, evocando uma reavaliação das narrativas que, historicamente, relegaram à invisibilidade das minorias. Nesse sentido, as representações literárias de Barreto não apenas retratam realidades, mas também desafiam a perpetuação de desigualdades, engajando o leitor em um processo de desconstrução e reflexão crítica.

Por outro lado, Serge Moscovici nos instiga a considerar como as experiências individuais se entrelaçam com as coletivas, refletindo um contexto social mais amplo que demanda nossa atenção. A trajetória de Isaías torna-se, assim, um espelho que revela as complexidades de uma sociedade em constante transformação, na qual a educação deve desempenhar um papel fundamental.

Também, as contribuições de Darcy Ribeiro nos fornecem uma compreensão mais profunda sobre a formação da identidade nacional brasileira e as raízes das desigualdades que ainda persistem. A análise crítica presente na obra de Barreto nos convida a acolher nossas realidades e a trabalhar, como educadores, pela inclusão e dignidade em todos os níveis educacionais.

Nas referências à vida e à obra do escritor, a obra *Lima Barreto: Triste Visionário*, da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, serviu como uma fonte importante de pesquisa para nossa dissertação. Schwarcz, ao aprofundar-se na vida e na obra de Barreto, ilumina não apenas sua trajetória literária, mas também seu papel como crítico social, fornecendo reflexões valiosas sobre as desigualdades raciais e sociais que permeiam sua obra. A análise de Schwarcz nos trouxe uma compreensão mais ampla do contexto histórico em que Barreto produziu sua literatura, enriquecendo nosso entendimento sobre como esses fatores influenciam as representações literárias e a formação de identidades.

Em síntese, a obra de Lima Barreto transcende o mero registro histórico, emergindo como um incisivo alerta sobre as desigualdades que ainda permeiam nossas relações sociais. Nesse contexto, a educação se ergue como um pilar fundamental para a superação dessas barreiras. É por meio dela que podemos fomentar diálogos significativos e participar ativamente da construção de uma sociedade inclusiva, onde cada indivíduo seja reconhecido em sua cidadania. À luz das vozes de Barreto, das reflexões dos teóricos estudados e das perspicazes contribuições de Lilia Moritz Schwarcz, somos instigados a nos tornarmos agentes de transformação, comprometidos com a edificação de um futuro pautado pela justiça e pela inclusão.

A pesquisa foi conduzida com o propósito de analisar a representação do real no romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto (1881-1922), focando nas questões de desigualdade social e educação. Os objetivos foram alcançados ao evidenciar a maneira como Barreto aborda as desigualdades sociais e as realidades de exclusão enfrentadas por determinados grupos sociais. A pesquisa identificou que o autor denuncia de forma incisiva as injustiças sociais de sua época, revelando a perspectiva crítica em relação à educação como um meio de emancipação para as classes menos favorecidas.

No entanto, o estudo apresenta algumas limitações. A análise pode ser restrita a interpretações subjetivas das obras, dependendo do contexto histórico e social do autor, além de poder desconsiderar outras vozes literárias que também tratam do tema da desigualdade. Ademais, apesar de trazer à tona questões relevantes, a pesquisa não cobre todas as nuances

da realidade contemporânea, o que pode limitar sua aplicabilidade em debates mais amplos sobre inclusão e educação na sociedade atual.

Diante disso, é fundamental reconhecer que a luta contra as desigualdades sociais, como proposto por Lima Barreto, é um esforço contínuo e coletivo. Cada indivíduo possui a capacidade e a responsabilidade de contribuir para essa transformação, valorizando a diversidade e promovendo a equidade. A literatura, especialmente a de autores como Barreto, revela-se um instrumento vital de conscientização e mobilização, desafiando-nos a questionar as injustiças e a lutar para que a educação seja uma realidade acessível a todos.

7 REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, in col. Estudos. Trad. Vários tradutores. São Paulo: Editora Perspectiva, 6a . ed. 2013.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. São Paulo: José Olympio, 1952.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Obliq Clássicos. Série digital de Clássicos da Literatura Brasileira, Plataforma Árvore de Livros, 2013
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.